~Quarta-feira, 5 de fevereiro~

CADA VEZ que eu levantava a cabeça para copiar as anotações do quadro, acabava vendo a Adachi de perfil, balançando de um lado para o outro como um dente de leite prestes a cair. Mas, como ela já estava assim há um bom tempo, talvez, de certo modo, ela fosse muito mais estável do que eu imaginava. Além disso, ela conseguia ser mais interessante do que a aula que estávamos assistindo.

Depois da escola, ela me perguntou que tipo de chocolate eu gostava. Não esperava essa pergunta, então demorei um minuto para responder. A princípio, pensei em responder com uma piada, algo como "Ah, eu só como chocolate Godiva!", mas isso seria arriscado. Conhecendo a Adachi, ela *provavelmente* sairia e compraria chocolate Godiva para mim. Então, dei uma resposta segura: chocolate ao leite.

Pensando bem, ela provavelmente estava tentando descobrir minhas preferências para me dar algo que eu gostasse de comer. Mas, quando percebi que deveria ter perguntado o que ela gostava também, ela já havia partido. Não fui atrás dela — em vez disso, prometi a mim mesma que tentaria lembrar de perguntar no dia seguinte.

Ainda assim, parecia que ela estava se adiantando um pouco. Para mim, dez dias pareciam uma eternidade. No fundo, uma parte de mim desejava que o tempo passasse tão rápido para mim quanto parecia passar para ela.

***

De todos os momentos do meu dia, parecia que o tempo sempre, *sempre* diminuía drasticamente durante as horas de estudo. Sentia como se tivesse ficado ali por horas; então, olhava para o relógio e percebia que apenas trinta minutos haviam passado. Isso acabava com a minha concentração, me deixando sem outra opção a não ser fazer uma pausa.

Talvez tenha sido isso que, no fim das contas, levou à adição de uma pequena TV aqui na sala de estudos do segundo andar. Sem algo para manter meu senso de tempo ancorado, eu acabava entediada e distraída, e muitas vezes terminava cochilando.

Não que ficar acordada até tarde fosse me deixar mais inteligente.

Deitada sobre a mesa e ignorando o frio que sentia nas costas, fiquei olhando para a tela da TV, observando longos fios de cabelo chicotearem o ar. Esse programa em particular começava com uma dança maluca.

"Ah, é a Xamã."

Eu a conhecia. Mesmo quando ela aparecia como convidada em outros programas, nada do que dizia fazia sentido. Depois de se apresentar, ela saía

correndo do palco direto para a rua. Esse era o seu truque. Por aqui — e com "aqui" quero dizer na área de Nagoya — ela era considerada uma celebridade local, então sempre participava de programas regionais. Curiosidade: recentemente, ela causou uma cena por causa de uma criança de cabelo azul que ela viu na rua e tinha certeza que era um alienígena.

Ridículo, né? Quem chega a essa conclusão? Hahaha. Espera aí... Por que isso soa tão familiar?

Enquanto a Xamã desacelerava, ofegante, seus colegas de elenco mantinham o programa em andamento. Alguns minutos depois, percebi que era um programa de horóscopo. Eu não ligava muito para astrologia, mas resolvi assistir até que meu horóscopo aparecesse. Infelizmente, os horóscopos eram listados por signo. E, embora eu tivesse quase certeza de que era Áries ou Touro, não tinha 100% de certeza.

O horóscopo de Áries dizia: "Cuidado com as memórias esquecidas. Sua cor da sorte é azul." Enquanto isso, o de Touro era: "Fique atento, e você pode testemunhar algo que não era para você ver!" Enquanto tentava decidir qual dos dois eu gostava mais, o programa continuava. Quando começaram a falar sobre uma "pista especial", apertei o botão de desligar no controle remoto.

Por mais que eu gostasse da dança da Xamã, não me importava com horóscopos, então não conseguia me imaginar assistindo isso de novo.

Provavelmente.

~Quinta-feira, 6 de fevereiro~

Senti o olhar de Adachi em mim. Claro, isso por si só não era nada fora do comum… exceto pelo fato de estarmos na aula, e ela não estar fisicamente me olhando.

Não sei como você faz isso, mas, caramba, garota.

Por um tempo, me perguntei se eu tinha feito algo para provocá-la, mas não consegui pensar em nada. No entanto, ela não parou de me encarar desde que cheguei à minha mesa. Na verdade, em certo momento (antes da aula começar), ela se aproximou de mim e me olhou diretamente, sem desviar. Claramente, *algo* estava acontecendo; eu só não fazia ideia do *que* era.

Adachi voltou na hora do almoço, então decidi comer alguma coisa com ela. Sanduíches pré-embalados para nós duas.

De vez em quando, minha mãe preparava uma lancheira para mim — você sabe, sempre que ela tinha disposição para isso — mas Adachi não tinha essa sorte. No entanto, eu tinha a sensação de que sabia o motivo. Sempre que Adachi dava

uma mordida em algo, eu percebia pelo jeito como ela mastigava que ela não sentia nenhuma alegria com isso. Quando eu pensava na conversa que tive com a Sra. Adachi, começava a entender como devia ser triste para ela ver sua comida caseira desaparecer naquele abismo sem emoção.

Embora Adachi tenha realmente agido de maneira estranha ultimamente, o fato é que ela ainda era um ser humano com sentimentos. Se ela apenas mostrasse esses sentimentos de forma mais aberta, talvez ela e sua mãe pudessem começar a construir algo melhor.

Dito isso, francamente, eu não tinha a menor intenção de tentar "consertar" a família Adachi. Na verdade, eu estava mais preocupada com a própria Adachi.

Ela continuava a me encarar, e como não parecia querer uma mordida do meu almoço ou um gole da minha bebida, eu não sabia bem o que mais eu poderia fazer. Então, finalmente, ela me perguntou algo.

“Shimamura, qual é o seu signo?”

Foi uma pergunta estranha, e eu não tinha certeza se tinha algo a ver com o jeito que ela estava agindo hoje. Como eu realmente não sabia a resposta, disse a ela a data do meu aniversário para que ela pudesse me dizer qual era o meu signo. Infelizmente, a reação dela a isso foi menos do que entusiasmada.

Então Hino e Nagafuji apareceram para se juntar à conversa. Imediatamente, vi a expressão da Adachi se endurecer, embora eu não fosse comentar sobre isso. O olhar em seus olhos era tão duro quanto o pão de nossos sanduíches comprados na loja.

Sempre que estávamos só nós duas, Adachi estava disposta a baixar a guarda e me deixar entrar. Mas no segundo em que qualquer outra pessoa tentava se juntar a nós — mesmo Hino ou Nagafuji — o coração dela se fechava, escondido atrás de uma barreira invisível. Em termos emocionais, ela era uma reclusa total, e a única coisa que a fazia sair de sua concha era… *eu*, aparentemente. Por que ela confiava tanto em mim? Isso era um mistério total.

Nesse ponto, parecia literalmente como se Adachi fosse minha irmã. Afinal, minha *verdadeira* irmã mais nova era tão tímida quanto ela, exceto quando estava com a família. Ou, quem sabe, talvez fossem apenas as minhas próprias suposições agindo.

De qualquer forma, todo esse pensamento me deixou um pouco curiosa, então disse: "Por que você perguntou sobre o meu signo, afinal? Você se interessa por astrologia ou algo assim?"

"Hã? Ah... uhhh..." Adachi caiu em silêncio e desviou o olhar.

Eu entendia ela perguntar sobre meu aniversário, mas meu signo? De que adiantava essa informação? Será que ela queria checar meu horóscopo ou algo do tipo?

Isso me fez lembrar do programa de horóscopo da noite anterior. Será que ela também assistiu? *Não, não pode ser isso.* Por que alguém se importaria com o horóscopo de *outra pessoa*?

Então Nagafuji começou a tagarelar sobre alguma coisa, e antes que eu percebesse, Adachi já estava de volta à sua mesa. Fim de conversa. Tudo o que restava era o olhar distante dela.

"Hmmm..."

Depois de tudo isso, eu *ainda* não sabia qual era o meu signo.

***

"Ei, pegue algo na açougue para o jantar. Você é amiga da filha deles, não é?"

"O que nossa amizade tem a ver com isso?"

"Bem, talvez ela te dê um desconto, certo?" minha mãe insistiu, me dando um leve empurrão no ombro. Ao contrário dela, eu sabia bem que não podia esperar nenhum benefício de uma pessoa como a Nagafuji. Bem, não tem para onde fugir.

Então, fui obrigada a sair de casa. Digo "obrigada" porque sabia que, se não fosse, não teríamos comida na mesa naquela noite. E foi assim que a cadeia de eventos fatídicos começou.

Ao sair com a chave da bicicleta na mão, avistei minha irmãzinha andando pela rua a caminho de casa. Acenei para ela; ela notou que eu estava pegando a bicicleta da garagem e correu até mim.

"Voltei!"

"Bem-vinda de volta."

Ela fungou, o nariz e as bochechas vermelhos como o Anpanman. Então, estendeu os braços na minha frente para bloquear meu caminho. “Você vai sair? Aonde você vai?”

"Vou comprar o jantar no açougue. Você quer ir no meu lugar?"

"Não, tudo bem. Volte logo!"

Com isso, ela entrou direto em casa. Parte de mim desejava que ela não tivesse herdado meu desprezo por qualquer coisa que exigisse esforço... Mas, pensando bem, eu também não *queria* que ela fosse no meu lugar, já que logo ficaria escuro.

Por um momento, pensei em voltar para casa e colocar outro casaco. Já estava montada na bicicleta, então decidi não me dar ao trabalho. Desci pela rua, passando por todas as crianças da escola primária e do ensino médio, e segui em direção ao Açougue dos Nagafuji.

A bicicleta facilitou a locomoção, e cheguei lá em pouco tempo. Quando entrei, o Sr. Nagafuji estava no balcão, atendendo outra cliente. Naturalmente, ele me reconheceu. “Oi!” ele chamou. Eu sorri educadamente.

A cliente no balcão virou-se para me olhar, seu cabelo castanho-acinzentado balançando com seus movimentos. Ela era um pouco mais alta que eu, com piercings na cartilagem aparecendo sob seus longos e macios cachos. Ela estava vestida de maneira desleixada com o uniforme de outra escola. Depois de um momento, ela voltou a se virar para o balcão, e eu me posicionei diagonalmente atrás dela para esperar a minha vez.

Ela estava buscando algo para a família, como eu? Eu não esperava ver outra garota adolescente aqui. Enquanto me abaixava e passava o dedo pela vitrine, pensando no que comprar, a outra garota de repente se virou para me olhar, seus olhos arregalados. Isso me pegou de surpresa, e eu estremeci. *O quê? O que você quer de mim?*

“Shima-chan?” ela perguntou, incrédula.

Esse era meu nome, e um apelido bem carinhoso. Minha visão ficou embaçada, e meu cérebro paralisou enquanto tentava processar a situação. As únicas pessoas que costumavam me chamar de “Shima-chan” eram amigas da escola primária. Mentalmente, comparei a pessoa à minha frente com a lista de colegas do meu passado.

Ah! “Tarumi?!”

“Sou eu.” Ela sorriu, satisfeita. Aparentemente, minha suposição estava correta.

Na escola primária, Tarumi era minha melhor amiga. E pensar que eu a reencontraria *aqui*, em um açougue... Não muito sofisticado, mas tudo bem.

Assim que fiz meu pedido, me virei novamente para Tarumi. Nunca, nem nos meus sonhos mais loucos, teria adivinhado que era ela. Mas, por outro lado, eu ouvi rumores de que ela havia se transformado em uma verdadeira delinquente. Talvez fosse verdade.

“Shima-chan — espera, não estamos velhas demais para apelidos?” Tarumi perguntou. “Eh…provavelmente não, né? Os apelidos vivem.”

Sério? Você vai me chamar pelo apelido da escola primária?

“Ou seria estranho demais…?” ela perguntou depois de uma pausa.

Honestamente, a falta de confiança dela era super justificável. Eu, por minha vez, estava aliviada por ver que ela não era a rebelde durona que os rumores faziam parecer. Eu poderia descansar tranquila sabendo que ela não estava prestes a me assaltar.

“Okay, tanto faz,” ela disse. “Você não se importa se eu te chamar de Shima-chan, certo?”

“Não, tudo bem.”

A garota à minha frente ainda não correspondia totalmente à Tarumi das minhas memórias. Só haviam se passado três anos desde a última vez que a vi — como uma pessoa poderia ter mudado tão drasticamente? Agora, ela não se parecia em nada com quem eu me lembrava.

Ela me olhou intensamente, nossos rostos a apenas um braço de distância. Parecia que ela enxergava diretamente através de mim, e eu quase dei um passo para trás, apenas por reflexo.

“Você ficou muito bonita, hein, Shima-chan?”

“Uh… eu não diria isso.”

O que eu deveria responder a isso? “Sim, com certeza”? Pareceria uma completa narcisista.

“Aqui está!” O Sr. Nagafuji anunciou enquanto trazia o pedido de Tarumi para o balcão. Ela pegou seu pacote de carne, acenou para ele e então olhou para mim com o canto do olho. Sua considerável vantagem de altura a tornava um pouco intimidadora.

“Bem, vejo você por aí.” Com um aceno breve, ela se despediu.

“Oh… Claro, até mais,” respondi um segundo depois, levantando minha mão ligeiramente em um pequeno aceno, como o mais suave farfalhar de uma folha.

Olhei para minha mão, flexionando os dedos com cautela, e contemplei o que, especificamente, me fez hesitar. “Eu realmente vou vê-la de novo?”

Será que o destino seria tão generoso?

Então, Tarumi entrou de volta na loja. Sem pensar, me perguntei se ela teria deixado a carteira para trás… ou talvez ela tivesse voltado para pedir algo mais. Então ela se aproximou de mim, aparentemente com algo mais a dizer.

“Posso pegar seu número de telefone?” ela perguntou, brincando com o cabelo.

Isso foi algo que eu não esperava que ela me pedisse. “Oh, é claro. Mas, espera… Eu não trouxe meu telefone.”

“Certo, então.”

Tarumi abriu sua mochila e tirou uma caneta e um pedaço de papel. Seu caderno estava tão limpo e sem marcas que parecia recém-comprado. Ela cuidadosamente rasgou um pequeno pedaço de uma página, escreveu algo e me entregou.

“Aqui está meu número.”

“Certo.” Estranhamente, eu fiquei impressionada que ela tinha seu próprio número de telefone decorado; *eu* definitivamente não tinha.

“Me ligue quando chegar em casa.”

“Pode deixar,” eu disse, guardando o pedaço de papel no bolso. Enquanto isso, Tarumi guardou apressadamente sua caneta e caderno.

“Então… é, até mais,” ela repetiu, desta vez de maneira mais desajeitada. Mais uma vez, parecia convencida de que haveria um próximo encontro.

“Hmmm…”

Enquanto eu hesitava, o Sr. Nagafuji voltou ao balcão. “Pedido pronto!” ele anunciou, entregando-me os itens embrulhados em papel pardo. Ao pegar, percebi alguém me observando do fundo da loja.

“Ah, só *agora* você percebeu,” ela disse. “Está congelando, sabe.”

Estreitei os olhos e percebi que era a Nagafuji, espiando do fundo da loja com metade do corpo escondida atrás de uma parede. Ela se aproximou até o balcão, onde seu pai lhe lançou um olhar severo que claramente dizia, “Volte para onde você estava.”

“Eu vi tudo,” anunciou Nagafuji.

Sério? Você tem certeza? Porque eu percebo que você não está usando seus óculos.

“Se divertiu me espionando?”

“Nem um pouco.”

Não pensei que fosse o caso. De qualquer forma, foi apenas um encontro casual. “Tarumi — essa garota que acabou de sair — ela vem aqui com frequência?”

“Eu quase nunca trabalho no balcão, então não sei dizer.”

“Sim, até porque você é muito responsável com nosso negócio,” resmungou o Sr. Nagafuji.

Ela o encarou por um momento, e depois voltou calmamente para mim. Sem querer, me perguntei se alguma coisa realmente incomodava a Nagafuji.

“A Hino está aí também?”

“Encolhida sob o *kotatsu*.”

“Sortuda ela.”

“Quer entrar um pouco?”

“Não, não posso. Tenho pessoas esperando por mim em casa.” Além disso, eu precisava, de alguma forma, levar essa comida para minha casa sem que esfriasse — no meio desse frio.

“Bem, obrigada pelo pedido! Até amanhã!” respondeu Nagafuji, possivelmente para contrariar a avaliação crítica de seu pai sobre seu trabalho.

Com isso, era hora de eu voltar para casa.

Pausei brevemente para olhar na direção para onde Tarumi havia desaparecido. Então, após verificar se o pedaço de papel com seu número de telefone estava bem guardado, comecei a pedalar — lento a princípio, depois acelerando gradualmente.

“Que surpresa,” murmurei baixinho, minha respiração saindo em uma névoa branca. Mas, ao ouvir as palavras em voz alta, comecei a questionar se eu realmente acreditava nelas. “Ou talvez não tenha sido.”

A cada palavra, sentia o ar frio entrar em meu corpo, congelando meu coração de dentro para fora. Apertei os lábios para barrar o vento cortante.

A noite havia caído e, sendo meio de inverno, o único som era o dos pneus da minha bicicleta girando. Sem grilos cantando. Nada que quebrasse o silêncio absoluto.

Enquanto aumentava a velocidade, pensei nas últimas palavras que trocamos: "*até mais.*" Será que Tarumi e eu realmente nos veríamos novamente? *Queríamos isso*? Talvez naquela época tivéssemos uma razão para sermos amigas, mas e agora? Poderíamos passar de "velhas amigas" para "novas amigas novamente"?

Ainda assim, eu tinha que admitir que gostava muito mais da ideia de um reencontro do que da permanência de uma despedida definitiva.

***

Quando cheguei em casa, peguei meu telefone para ligar para a Tarumi e notei que havia uma nova mensagem na minha caixa de entrada. Remetente: Adachi.

"*Você gosta de chocolate branco?*"

"Hmmm…" Imaginando o sabor na minha boca, respondi: "*Chocolate branco é bem gostoso.*" Enviar.

Com isso resolvido, comecei a ligar para a Tarumi, como prometido.

Ela atendeu imediatamente. "Alô? Shima-chan?"

"Sim, sou eu. Shima-chan." Acabei descobrindo que o apelido um tanto constrangedor era muito mais tolerável por telefone. Do outro lado da linha, ouvia o leve murmúrio de pessoas ao fundo. "Ainda está por aí?"

"Sim, estou no supermercado agora."

"No supermercado?" perguntei. Era um destino bem mais saudável para uma chamada delinquente. Ou talvez "saudável" não fosse a palavra certa. "Sério, você está comprando coisas saudáveis?"

"Sim, estou pegando umas coisas. Ei, você gostaria de sair um dia desses?"

O convite foi bem repentino, considerando tudo. Mas ela era uma velha amiga, então eu estava disposta a fazer concessões.

"Claro, algum dia no futuro."

"É, tá bom. Qualquer dia desses," ela respondeu, quase como se estivesse tentando se convencer mais do que a mim, e eu realmente não sabia o que

dizer. Antes que eu pensasse em algo, ela continuou, “Tem algo que eu esqueci de dizer antes.”

“O que foi?”

Ouvi ela respirar fundo, e então — “Estou muito feliz por ter te visto novamente.”

Minha visão ficou turva e desfocada enquanto minha mente girava.

“Só isso,” ela acrescentou com um sussurro. Com isso, ela desligou.

“*Só isso?*” repeti, mas obviamente era tarde demais. Tarumi havia ido embora, e eu também não tinha a resposta.

Guardei o celular de volta, cruzei os braços e percebi que minhas bochechas estavam queimando. Falando como uma adolescente, esse tipo de sinceridade sentimental foi o suficiente para me fazer corar.

“Ela ficou feliz, né?”

Aparentemente, Tarumi estava pronta para deixar a parte “velha” de “velhas amigas” para trás. Mas, pessoalmente, sentia que era um pouco cedo. Um pouco... *simples* demais. O suficiente para me fazer hesitar.

Será que a amizade deveria funcionar assim? Ou o nosso vínculo sempre foi tão forte, e eu nunca percebi? *Não, não deve ser isso.* Eu estive lá. Certamente teria notado. “Hmmm... bem...”

Para ser justa, ouvir alguém dizer “Estou feliz por te ver” não era... você sabe... a pior coisa do mundo.

Na verdade, foi... bastante ok.

~Sexta-feira, 7 de fevereiro~

No almoço, percebi que a Adachi tinha trazido algo de casa pela primeira vez. Originalmente, pensei que talvez ela tivesse trazido um sanduíche. Naquele momento, imaginei que poderíamos comer juntas, então fui até ela. Ela estava sentada em sua mesa, mastigando silenciosamente enquanto olhava para baixo. A princípio, ela não me notou, então passei entre ela e a mesa até sua frente.

“Uau!” exclamei.

Com isso, Adachi finalmente levantou a cabeça.

Espalhada em sua mesa estava uma cascata de chocolates de diferentes marcas, saindo de uma sacola plástica. Nada de sanduíche ou qualquer outra coisa. Só chocolate.

“Himamurhh?” ela perguntou, com a boca cheia. Então, um segundo depois, ela voltou aos seus sentidos e enfiou todo o chocolate de volta na sacola. Sem dúvida, minha reação ao almoço dela foi um pouco escandalizada, mas certamente ela não precisava esconder tudo.

Dito isso, eu não tinha percebido que ela era tão viciada em chocolate. E por falar nisso, o que estava acontecendo com o cabelo dela? *Alerta de rabo de cavalo! Abram os estábulos!*

“Ah, entendi. Você usou muita energia cerebral durante a aula, então agora está se enchendo de açúcar?”

“Uh… é… algo assim,” Adachi respondeu instantaneamente — tão rápido que eu não tinha certeza se ela realmente ouviu o que eu disse. Enquanto ela descansava o queixo nas mãos, notei uma garrafa de água mineral na mesa dela. Isso foi um alívio. *Agora, essa é a Adachi que eu conheço.*

No entanto, esse visual de rabo de cavalo era uma Adachi que eu *não* conhecia. Enquanto sua cabeça balançava de um lado para o outro, seu cabelo também se movia, atraindo — não, *exigindo* — minha atenção. Naturalmente, funcionou. Como eu poderia não notar, se ficava voando de um lado para o outro bem na minha linha de visão?

Então, o que a fez mudar o penteado? Estaria ela tentando se reinventar? Suas orelhas expostas tremiam levemente.

“Você sabe, ouvi dizer que o consumo excessivo de chocolate pode causar sangramento nasal,” comentei casualmente. “Mas não tenho certeza se é verdade.”

Na mesma hora, ela levantou a mão e tocou o nariz. Depois, limpou-o com a manga e, uma vez que confirmou que não estava sangrando, olhou de volta para mim. Eu não tinha certeza do que esperava de mim. Após um momento de contato visual prolongado, ela desviou o olhar e começou a desembrulhar outra barra de chocolate. *Ufa.*

Enquanto eu a observava partir cada pedaço de chocolate e colocá-lo na boca, isso me deu vontade de experimentar. “Me dá um pedaço.”

Ela me entregou a barra inteira. Eu aceitei, então virei ela e comparei a contagem de calorias com a do meu croquete. *Eu sabia que não deveria ter comprado isso.* Os números estavam na casa dos três dígitos. Comecei a suar frio.

Enquanto isso, Adachi continuava comendo seu chocolate como se nunca tivesse ouvido falar em calorias. Ao olhar para os vários embrulhos, percebi o que eles tinham em comum: todos eram chocolate ao leite.

Chocolate ao leite... Parece que tivemos uma conversa sobre isso recentemente.

Será que a nova dieta exclusivamente de chocolate da Adachi poderia ser culpa minha? Seria o rabo de cavalo um símbolo de sua determinação em aderir a esse estilo de vida? Se fosse o caso, eu realmente não sabia o que dizer a ela, a não ser: *Relaxe. Você está agindo como a protagonista de um mangá shoujo.*

Enquanto isso, ela continuava comendo seu chocolate em silêncio, parando ocasionalmente para balançar a cabeça ou ajustar manualmente a posição do rabo de cavalo — em outras palavras, ela estava inquieta da cabeça para cima. Será que ela queria que eu comentasse sobre o penteado ou algo assim? Pessoalmente, eu não tinha muita opinião a respeito, então esperava evitar uma conversa sobre sua inquietação. *Mas eu não tive escolha.*

Depois que terminei de comer minha barra de chocolate, levantei-me, estendi uma mão e segurei levemente a ponta do cabelo dela. “Ficou bonito,” eu disse, sentindo-me culpada por não ter algo mais criativo para dizer.

Ela se virou para me olhar e congelou. “Hã?”

Pensei no seu penteado usual e acrescentei, “Mas, pensando bem, seu cabelo sempre é bonito.”

Havia algo reconfortante no familiar, ao contrário do novo. *Na verdade, agora que penso nisso, o que vou fazer com o MEU cabelo*? Fiquei mexendo na franja e contemplando essa decisão. Adachi começou a dizer algo, mas as palavras não saíam — ela apenas abria e fechava a boca como um peixe dourado. A testa e as orelhas dela estavam vermelhas. Ela andou bebendo antes de vir para a escola?

“O que houve?”

Assim que perguntei, Adachi se levantou e saiu correndo da sala de aula como um furacão.

“Ei, espere! O sinal...!”

...vai tocar em breve... Além disso, você deixou seu chocolate espalhado pela mesa.

Quando ela finalmente voltou, a expressão no rosto dela sugeria que ela estava morta por dentro, então eu a observei durante nossa próxima aula. Eu podia dizer só de olhar para a parte de trás da cabeça dela que sua mente estava em

outro lugar. Felizmente, ela não mostrou sinais de estar desenvolvendo um sangramento nasal.

Ou isso era apenas uma lenda, ou ela simplesmente não tinha consumido tanto chocolate assim.

~Sábado, 8 de fevereiro~

Eu ouvi algum tipo de agitação do lado de fora do meu quarto, então fui até a sala para investigar. Lá, descobri que Yashiro tinha vindo para brincar com a minha irmã. As duas estavam se divertindo, brincando e correndo em círculos ao redor uma da outra; cada movimento levantava faíscas azuis como se fosse poeira tecnicolor.

Enquanto isso, minha mãe as observava do corredor. "Que cabelo doido", ela comentou baixinho antes de desaparecer de volta para a cozinha. *Sério, mãe? Isso é tudo o que você tem a dizer?*

"Estou entediada", anunciou Yashiro.

"Eu também", concordou minha irmã.

Para mim, parecia que estavam se divertindo — elas estavam deitadas no chão em forma de X perfeito. Eu não queria interromper a brincadeira, mas antes que pudesse escapar, Yashiro me avistou.

"Ora, se não é Shimamura-san. Ora, ora."

Sim, sim, eu ouvi você na primeira vez.

Ela se contorceu para sair debaixo da minha irmã e veio deslizando em minha direção como uma cobra. Em vez do traje espacial, ela usava um suéter verde e jeans. No entanto, o visual era um pouco masculino demais, e não combinava nem um pouco. Na verdade, parecia que ela estava tentando imitar o estilo de outra pessoa. De certo modo, o suéter e os jeans eram mais "alienígenas" do que o traje espacial jamais foi.

"Vamos ver um filme", sugeriu ela.

"O quê—"

"—ótima ideia!" minha irmã terminou por mim enquanto rastejava em nossa direção.

"Sabe, eu desejo observar esse fenômeno chamado 'filme'."

"Eu quero ir também!" minha irmã se ofereceu, levantando a mão alegremente.

Elas já estavam empolgadas com essa ideia, mas eu ainda não tinha concordado com isso. Parei para pensar por um momento, olhando pela janela. *Como ainda pode estar tão frio com o sol lá fora? Ugh, estou com o nariz escorrendo de novo.*

"Fiquem à vontade para irem sozinhas", eu disse. "Acredite ou não, eu tenho muito estudo para—"

"Vá com elas", minha mãe chamou enquanto passava pela porta, como uma figurante ao fundo. "E alimente-as enquanto estiver fora."

"Ah, entendi. Você só não quer ter que cozinhar", respondi.

"Pode apostar que não", ela rebateu. Com isso, desapareceu de novo, carregando um saco de biscoitos de arroz Mochikichi — provavelmente planejando voltar para a cama e assistir TV. Aliás, esse também era o meu plano.

Enquanto isso, Yashiro ficou de pé e tentou me arrastar. "Então, vamos indo, Shimamura-san!"

"Não puxe minhas roupas, sua idiota! Você está tentando arrancá-las?!"

Coloquei a mão na testa dela e a empurrei. Eu estava disposta a pagar por uma pequena folga, mas certamente não por duas.

Eu sei que você adora animais, maninha, mas por favor, pare de trazer essa criatura para nossa casa.

"Taaaanto faz... Eu vou com vocês", eu disse. "Só me deem um minuto para me vestir."

"Devo ajudá-la?"

"De jeito nenhum, obrigada!"

Assim que consegui desgrudar da Yashiro, voltei para o meu quarto. Eu tinha passado a manhã toda deitada na cama, então ainda estava de pijama; era assim que eu costumava passar cada inverno. Enquanto dobrava o futon, silenciosamente me amaldiçoei por ter decidido sair do quarto.

Depois de me vestir, levei as duas ao shopping local — o mesmo que visitei com a Adachi outro dia. Aqui no interior, não havia muitas opções para escolher. Claro, poderíamos fazer uma viagem até o cinema no centro da cidade, mas com metade das lojas fechadas, teríamos uma grande dificuldade para encontrar um lugar para comer.

Yashiro segurou minha mão (bem, mais precisamente, meus dedos) e apertou com força, parecendo extremamente satisfeita enquanto me puxava.

"Hmmm..."

Por que todo mundo queria tanto segurar minha mão? Isso fazia com que se sentissem seguros? Ou estavam com medo de que eu pudesse desaparecer completamente a menos que me mantivessem presa a algo?

Enquanto caminhávamos, senti o olhar da minha irmã na minha mão livre, então estendi-a para ela. "Quer segurar minha mão também?"

"Pssh! Não sou um bebê!" Ela se virou para longe de mim, emburrada.

No passado, ela sempre segurava minha mão quando estávamos em público, mas tudo bem. Retraí a mão, e continuamos andando.

"Estica a mão de novo," ela exigiu depois de um momento.

Ela estava sendo teimosa, então belisquei sua bochecha. Desta vez, ela estendeu a mão e colocou-a na minha; depois de um instante, toquei a parte de trás de sua mão com meu dedo indicador.

"O quê?!" ela reclamou.

"Nada," sorri, ignorando seu rostinho vermelho.

Agora eu tinha as duas mãos ocupadas; esperava que Adachi não aparecesse, senão teria que crescer um terceiro braço. Por outro lado, conhecendo ela, se me visse nessa posição, a reação provavelmente seria um pouco mais... você sabe... de estranheza.

"Agora só falta a Pequena segurar minha outra mão," Yashiro sugeriu, estendendo a mão na direção da minha irmã.

"O quê, para girarmos em círculo? Isso não vai acontecer."

Puxando seu braço, fiz Yashiro olhar para a frente. Quando foi que ela se tornou tão amiga da minha irmã, afinal?

O cinema ficava no segundo andar. No caminho para a escada rolante, senti um aroma doce vindo de algum lugar; olhei para a nossa alienígena sorridente. “Então, tem algum filme específico que você queira ver?” perguntei, sabendo que era totalmente possível que ela não tivesse pensado nisso.

Ela congelou, com os olhos arregalados, como se eu tivesse crescido uma segunda cabeça. “Achei que íamos… assistir ao filme?”

“É que tem mais de um filme no mundo. Você tem que… escolher um…” Minha voz vacilou ao perceber que ela não ia entender.

Os olhos de Yashiro se moveram por toda parte até que, finalmente, ela olhou para mim com um sorriso presunçoso. “Ah, entendi. Então, há diferentes tipos de filme! Mais um mistério resolvido, graças a mim. Heh heh heh…”

“Ceeerto…”

Ela não parecia estar fingindo. Talvez ela realmente fosse ignorante mesmo. *Puxa, garota. Você é uma das muitas coisas além do alcance da minha compreensão mortal.*

“Ora, ora, se não é a jovem mãe galinha e seus dois pintinhos!” alguma voz ao redor comentou.

Você realmente me pegou, pensei, virando na direção da voz.

Era Hino — ou talvez eu devesse dizer, *percebi tardiamente* que era Hino, porque no começo eu realmente não tinha certeza. Se não fosse pela sua queimadura do sol, talvez eu nunca tivesse feito a conexão.

Ela estava na escada rolante, olhando para nós; seu penteado era o mesmo de sempre, mas suas roupas eram *muito* diferentes. Quero dizer, ela estava vestida com um quimono. Não um *yukata* barato, mas um quimono vermelho tradicional e em camadas. Depois de me recuperar do choque de boca aberta, lembrei que ela usava trajes japoneses formais sempre que estava em casa — pelo menos foi o que me disseram. Não sabia os detalhes ou qualquer coisa — só que ela alegadamente vinha desse tipo de família tradicional. O tipo que serve grão-de-bico e algas marinhas para as crianças como lanche.

“É você, Hino-san?” perguntou Yashiro.

“Ela é sua amiga, Neechan?” perguntou minha irmã.

“Sim e sim!” respondeu Hino, com um duplo sinal de positivo.

Dada sua estatura baixa, bronzeado escuro e traje ostentoso, não pude deixar de pensar em Dia das Meninas, Shichi-Go-San e todos aqueles outros feriados tradicionais japoneses. Hino se destacava no meio de todo mundo, como se fosse uma cosplayer fora de um centro de convenções. Por mais que ela gostasse de afirmar que era um ímã para pessoas estranhas, hoje ela *era* a estranha.

“Espera aí!”

Ela virou e voltou pela escada rolante que subia — um ato tão perigoso que nem uma criança se atreveria a tentar — até chegar ao andar térreo. *Caramba, ela é corajosa. Eu nunca conseguiria fazer isso. Bem, talvez eu poderia tentar subir uma escada rolante que desce.*

“Espera, essa é sua irmãzinha? Nós já nos conhecemos antes, pequena?” Hino perguntou enquanto alisava seu quimono.

Boa pergunta. Será que já se conheceram?

“Eu não…acho…?” respondeu minha irmã enquanto se escondia atrás de mim. Não é fã de estranhos essa aí.

“Eu também não lembro. Ah, bem! Agora já nos conhecemos. E você, senhorita Alien, hoje você não parece muito alienígena,” Hino continuou, comentando sobre a escolha de roupa da Yashiro.

Não tenho certeza se roupas espaciais são muito “alienígenas” também.

“Keh heh heh! Este é o meu disfarce secreto,” Yashiro explicou com orgulho. Pena que seu “disfarce” foi completamente desmascarado pelo seu… bem… cabelo azul brilhante. Na verdade, ela e Hino estavam tão desproporcionalmente conspícuas que fizeram eu e minha irmã parecer “fora de lugar” por estarmos vestidas normalmente.

“Então, está aproveitando um passeio divertido com suas duas crias?”

“Mais ou menos. Mas essa aqui não é da família,” eu respondi, bagunçando o cabelo de Yashiro. Ela se contorceu e pulou para longe, espalhando brilhos por todo lado. “E você?”

Hino seguiu meu olhar para o quimono e beliscou um pouco do tecido. “Ah, eu só não queria ter que trocar de volta para isso quando chegasse em casa, então continuei com ele. Dá muito trabalho, sabe?”

Na minha opinião, daria *mais* trabalho ficar andando com tudo aquilo, já que você teria que tentar não pisar na barra ou sujar as mangas. Para ser justa, Hino parecia estar no controle, mas ainda assim. Definitivamente não é roupa de casa. E outra coisa — será que ela veio de bicicleta assim? Andar de bicicleta de quimono é uma receita garantida para o desastre. E se o tecido ficar preso nas rodas e você cair?

“Você está fazendo compras, então?” perguntei.

“Não, só queria pegar alguns mangás.”

Ah, ok, então ela está indo para a livraria no segundo andar do outro lado do shopping. “Onde está a Nagafuji?”

“Nós podemos sair juntas com frequência, mas não aos finais de semana,” Hino riu, acenando a mão de forma displicente. “Ela tem atividades do clube ou algo do tipo.”

“Certo… Atividades do clube…” Quase soltei uma frase trivial, como “Ela está realmente se esforçando,” mas engoli de volta. “Que clube ela frequenta, afinal?”

“Nem ideia,” Hino respondeu sem piscar. Fiquei surpresa ao descobrir que havia coisas sobre Nagafuji que Hino não sabia.

Pausei para imaginar Nagafuji participando do clube. Dada sua paixão por bumerangues, eu poderia vê-la em algum tipo de clube de arremesso de bumerangue. Não consigo imaginar mais ninguém participando, mas enfim.

“O que eu quero saber é por que você sempre me pergunta sobre a Nagafuji sempre que me vê, querida Shimmer?”

“Shimmer?”

“Esse é o seu nome.”

“Tem certeza disso?”

“Sim!”

Essa conversa não estava fazendo sentido para mim. Provavelmente porque nenhuma de nós estava realmente usando o cérebro.

“Bom, então!” Hino declarou, evidentemente entediada com a brincadeira. Ela sempre foi a auto-proclamada “normal,” e eu não estava prestes a estragar a diversão dela… mas ela podia ser tão estranha às vezes.

Claro, todos têm o direito aos seus próprios valores pessoais. Quando esse conceito é levado ao extremo lógico, não significa que é inútil tentar ser atencioso com os outros? Afinal, você realmente não *precisa* se esforçar. Após tempo suficiente na companhia da outra pessoa, é quase certo que você encontrará pelo menos uma coisa em comum. Talvez essa coincidência seja a verdadeira recompensa da conexão humana.

“De qualquer forma, Shimamura, para onde vocês três estão indo agora? Para a sauna?” Hino perguntou depois de nos seguir na escada rolante para cima. Notei que ela havia imediatamente deixado a brincadeira de lado.

“Estamos aqui para ver um filme!” Yashiro respondeu, em pé, orgulhosa por alguma razão inexplicável. *Não é tão impressionante, sabe.*

“Ah, um filme, hein? Eu também gosto de ver um filme de vez em quando.” Hino ajustou cuidadosamente sua postura. Enquanto antes ela parecia toda orgulhosa sem propósito, agora parecia ter um objetivo em mente.

“Você vai com a gente?” eu perguntei.

“Um filme parece uma ótima ideia agora.”

“E o seu mangá?”

“Ah, eu não leio essas coisas. Sou uma rata de biblioteca — prefiro romances.”

Diz a garota que literalmente leu um mangá de pesca há pouco tempo. Ainda assim, com seu longo quimono vermelho, Hino realmente tinha uma espécie de “vibe de romancista” — sabe, dos anos 1800 e bolinha.

Quando chegamos ao segundo andar, minha pele já tinha se ajustado à mudança de temperatura, e agora a mão da minha irmã estava desconfortavelmente quente. Mas não a de Yashiro — a dela ainda parecia agradável e fresca. Era quase como se eu pudesse *sentir* fisicamente sua estética azul marinho.

“Uh-oh, Shimamura! Parece que você vai precisar de uma terceira mão para segurar a minha,” Hino brincou, sorrindo, enquanto caminhávamos.

Sim, claro, eu vou simplesmente crescer uma para você. “Quer segurar a mão?”

“Oh, não, de jeito nenhum.”

“Você pode segurar a minha,” Yashiro ofereceu.

Que… atenciosa? Acho?

“Ah, sua bondade aquece meu coração!” Hino exclamou enquanto aceitava. Então, três passos depois, ela soltou novamente. “Ah, eu prefiro caminhar no meu próprio ritmo.”

Clássica Hino. Esse era o tipo de atitude que a Adachi costumava ter. Quando isso mudou?

Enquanto isso, minha irmã usava eu como um escudo protetor enquanto lançava olhares furtivos para Hino — provavelmente fascinada pela sua roupa incomum.

Então Hino percebeu que ela estava observando e contornou-me para dar uma olhada nela.

Minha irmã começou a se esconder, mas parou. Em vez disso, ela olhou timidamente para Hino e perguntou diretamente: “Você é uma princesa?”

“Heh heh heh! Eu pareço uma princesa? Acho que sim,” Hino sorriu, balançando suas longas mangas.”

“Confie em mim, é só a roupa,” eu alfinetei, revirando os olhos.

O olhar dela se moveu de um lado para o outro. “Sabe, eu tive um sonho em que era uma princesa.”

“Que tipo de sonho?”

“Hmm… Não lembro muito, mas no final, eu me transformei em um fungo,” Hino explicou, com um tom melancólico como se tivesse acontecido na vida real. No entanto, os detalhes do sonho eram tão escassos que eu não conseguia ver como isso tinha algo a ver com princesas.

“Foi um pesadelo, ou…?”

“Eh, eu acordei depois, então provavelmente não.”

Essa foi uma avaliação bastante generosa. A maioria das pessoas avaliaria um sonho com base no conteúdo, mas aparentemente tudo o que Hino se importava era se ele tinha terminado.

“Por falar nisso, Hino-san, por que você está tostada?” Yashiro perguntou, olhando curiosamente para a pele bronzeada de Hino de perto. Ela quis dizer “queimada de sol,” mas… *Bem, perto o suficiente, eu acho. Um pouco*. A pele de Hino estava definitivamente bem bronzeada, suponho.

“Oh, isso aconteceu quando eu reentrei na atmosfera da Terra,” Hino mentiu.

Uau, amiga. Você precisa escolher melhor seu público para piadas assim.

“Haha! Vocês terráqueos são tão amadores!” Yashiro zombou com desdém.

Viu? Eu sabia que ela ia acreditar em você. “Só para você saber, ela está brincando,” eu avisei minha irmã.

Ela fez uma careta e ficou emburrada. “Eu sei disso. Não sou burra.”

Eu sei que você não é burra, mas ao mesmo tempo, você ainda acredita no Papai Noel... então nunca posso ser cuidadosa demais.

“Então, vamos mostrar para essa alienígena o que os terráqueos realmente podem fazer. Prepare-se para ter sua mente explodida!” Hino declarou, com um sorriso, como se ela mesma tivesse feito algum filme. *Lembra a fábula do burro com pele de leão… Ok, talvez não.*

Passamos pela loja de 300 ienes, depois pela loja de calçados, até finalmente chegarmos ao nosso destino. Na frente, um grande letreiro vermelho dizia “*So-and-So Cinema*” em inglês, por algum motivo. Dentro, o saguão estava escuro e decorado em azul de cima a baixo. Eu havia passado por esse lugar inúmeras vezes, mas acredite ou não, era a primeira vez que realmente entrava.

Naturalmente, as crianças não conseguiam ler o letreiro em inglês, então a única reação delas foi “Uau!” Olhei ao redor do interior — não muito, apenas de passagem. Aparentemente, esse cinema tinha doze salas no total.

“Já ouviu falar de tresdê, Pequena?” Yashiro sussurrou para minha irmã.

Tresdê? O remédio? Espera, não. Que diabos é tresdê? E que tipo de apelido é “Pequena”? Você já não sabe o nome da minha irmã?

“Não.”

“Faz com que as coisas no filme pareçam sair da tela, tipo, ‘*Zum! Pow!*’”

Percebi que Yashiro queria dizer “3D”. Era por *isso* que ela queria ver um filme? Eu a vi lançando olhares furtivos para o balcão de lanches, mas optei por ignorar.

Não só o cinema estava exibindo os lançamentos mais recentes, mas, com o Dia dos Namorados se aproximando, eles também tinham alguns clássicos românticos antigos na programação. Hino olhou para o horário por um momento.

“Oh, é verdade!” Ela se iluminou de repente. “Eu devia comprar chocolate na volta pra casa.”

No começo, me perguntei para quem seria. Então percebi que não precisava me perguntar. “Para a Nagafuji?”

“Sim, mas não é bem um presente. Vou só comprar um pouco como lanche e dividir com ela. A mesma coisa que fazemos todos os anos,” Hino explicou, balançando as mãos com desdém.

Esse ritual anual despertou meu interesse. “Ah é? Por que isso? É só uma tradição?”

“Porque ela gosta de chocolate, então a faz feliz?” Hino inclinou a cabeça ligeiramente, como se não tivesse pensado nisso até agora.

A resposta dela foi imediata, sem hesitação — mas não de uma forma desleixada. Mais como uma reação instintiva, casual e despretensiosa. O ponto é que era completamente diferente da tensão desconfortável que pairava entre mim e Adachi.

“É só isso que importa?” eu perguntei.

“Não, claro que não,” Hino deu de ombros, mas minha mente já estava a mil. Talvez Adachi e eu tivéssemos nos atolado demais na *formalidade* de tudo.

“Bem, de qualquer forma, este não é o lugar para ter essa conversa,” eu disse.

“Por que não?”

Porque formigas pequenas sentirão o cheiro de açúcar e virão correndo.

“Eu ouvi ‘chocolate’!”

Eu avisei.

Yashiro sorriu para Hino; Hino se abaixou, pegou a cabeça dela com ambas as mãos e — “Zzzt!” — gentilmente a redirecionou para mim. “Deixe esta gentil senhora comprar para você.”

Mas eu já dei um pouco para ela!

“Shimamura-saaaan!”

“Sem implorar!”

Yashiro tentou se agarrar a mim, mas eu a empurrei para longe pela cabeça. Em resposta, ela pressionou o rosto contra minha mão. *Que esquisita.*

Alguns minutos depois, cedi aos pedidos e comprei milho doce no balcão de lanches. Aparentemente, Yashiro não se importava com o fato de ser ou não chocolate, desde que fosse doce. Aproveitei e comprei também para minha irmã. *Sou um verdadeiro capacho.*

“Agora, prestem atenção. Vocês têm que ficar em silêncio e assistir ao filme, ok? Nada de gritar,” expliquei enquanto tomávamos nossos assentos no cinema antes do filme começar.

Yashiro, no entanto, já estava imersa no seu milho doce. “Sim, sim,” ela respondeu de forma casual.

Enquanto olhava para suas mãos, pensei em outra coisa para avisá-la. “E nada de bater palmas também.”

“Sim, sim.”

“Não, você precisa levar isso a sério!” Hino, de repente, entrou na conversa. Fervorosa.

“Tá pom, não vou pater balma,” Yashiro respondeu com a boca cheia de milho doce. O problema era que eu não podia nem confiar que ela seguiria as leis da *gravidade*, quanto mais as regras da sociedade. Minha irmã provavelmente se comportaria bem, no entanto. Eu não queria ficar insistindo e irritá-la novamente, então decidi ter um pouco de fé nela.

O filme que escolhemos se passava no espaço e, como Yashiro pediu, era em 3D. Não era um filme de terror, mas poderia muito bem ter sido; era tão emocionante que mal conseguia respirar. É difícil de explicar, mas… me fez sentir uma gratidão pelo peso físico do meu corpo de uma maneira que normalmente não sentia.

Depois que o filme acabou e saímos do cinema, Hino parou e me olhou intensamente — especificamente para minhas mãos, que estavam novamente unidas às de Yashiro e da minha irmã.

“O que foi?” perguntei.

“Você é muito mais irmã do que eu pensei.”

“Mais do que você, eu suponho,” respondi dando de ombros, erguendo as mãos das crianças.

Confusa, Yashiro levantou a outra mão com entusiasmo; em contraste, minha irmã fez uma careta envergonhada.

“Você tem irmãos?” perguntei a Hino. “Eu me esqueço.”

“Eu tenho quatro irmãos mais velhos, mas alguns deles são muito mais velhos do que eu e não moram mais em casa. Então, nunca conversamos.”

Parecia uma desculpa meio preguiçosa, então imaginei que ela provavelmente só não queria entrar em detalhes sobre eles. A situação familiar de Hino era tão… complicada. Ou pelo menos parecia assim. Não que eu realmente fosse descobrir.

“De qualquer forma, deixando isso de lado… foi um verdadeiro prazer!” ela declarou, colocando uma mão na cintura. Seu sorriso parecia pedir minha concordância, então eu sorri e dei de ombros.

Depois disso, Hino nos convidou para almoçar, algo que eu realmente apreciei. Não no sentido financeiro — era apenas um gesto muito gentil.

No geral, foi um dia bem legal.

~Domingo, 9 de fevereiro~

Depois de horas deitada na cama, notei que não tinha ouvido nenhum grito, então, evidentemente, não houve visitas hoje. Não que eu me importasse com uma visita animada de vez em quando, mas era exaustivo lidar com isso dia após dia. Eu precisava de um domingo preguiçoso como este para recuperar toda a energia que gastei.

Considerando que passei minha manhã lendo um livro didático, dentre tantas outras coisas, eu era praticamente uma aluna exemplar. Meus pais ficariam tão impressionados... sabe, se convenientemente esquecessem de todas as aulas que matei até agora.

Em apenas mais dois meses, eu seria uma aluna do segundo ano. Esse era o prazo antes do qual eu precisava alcançar o resto dos meus colegas. Finalmente, eu havia ganhado algum terreno durante as férias de inverno, e com as provas finais se aproximando, eu não podia me dar ao luxo de desacelerar. Mas quanto mais eu me esforçava, mais começava a sentir falta do segundo andar da academia.

À medida que o inverno ia embora e os primeiros raios da primavera surgiam no horizonte, aquele lugar aqueceria novamente… mas será que voltaríamos lá?

“Não... provavelmente não.”

Dado o meu comportamento estudioso ultimamente, estava bem certa de que tinha escolhido deixar para trás a vida de delinquente. Se eu quisesse passar tempo com a Adachi, havia muitos lugares melhores para isso. Mesmo se decidíssemos jogar pingue-pongue especificamente, tínhamos outras opções. Não havia necessidade de nos comprometer com um lugar em particular. É por isso que eu queria que ela se formasse no próximo ano comigo.

Meu celular começou a tocar de algum lugar no meu quarto. Procurei por ele na bagunça da minha mesa, mas não consegui encontrar. Tocou apenas uma vez, então provavelmente era só uma mensagem — mas agora que eu tinha perdido o celular, me sentia compelida a continuar procurando. Depois de verificar todos os lugares possíveis, parei para pensar. Quando foi a última vez que vi ele? Eu não tinha mexido nele durante o fim de semana, então talvez ainda

estivesse na minha mochila. Olhei, e lá estava, no exato mesmo lugar em que o deixei na sexta-feira.

É triste que eu tenha passado o fim de semana inteiro sem receber mensagens. Que vida social incrível eu tenho. Verifiquei o remetente e, sem surpresa — embora houvesse uma outra possibilidade — era a Adachi. (A outra possibilidade era que fosse spam do meu provedor.)

A mensagem não tinha texto — apenas um anexo de imagem. Curiosa, eu abri e vi...

“Chocolate...?”

Lodo marrom, derretido e despejado em moldes de metal.

“Huh.”

Sim, isso é chocolate, sem dúvida. Então... e daí? Sem mais detalhes, eu não entendia exatamente o que estava vendo.

Então, chegou outra mensagem na minha caixa de entrada — novamente da Adachi, novamente com um anexo de imagem. E, novamente, a imagem era de chocolate. Ela ainda não havia enviado uma única palavra de explicação; na verdade, agora eu tinha *mais* perguntas. Seria essa a ideia dela para um presente de Dia dos Namorados? Economizar dinheiro ou algo assim? *Não, não podia ser.*

Eu pensei em ligar para ela para perguntar. Por outro lado, parecia que era isso que ela *queria* que eu fizesse, e eu me recusei a ceder. Enquanto isso, *outra* foto de chocolate chegou, tirada de um ângulo diferente. Seria esse algum novo tipo de bullying?

Poupe-me do teste de manchas de tinta, ok? Eu não sou tão inteligente, para começo de conversa. Se ao menos eu pudesse ver o rosto da Adachi agora. Talvez assim eu entenderia.

A mensagem final dela continha uma mensagem. “*O que você acha?*”

Boa pergunta.

Tive a distinta sensação de que eu teria que me esforçar muito se quisesse escapar do labirinto da Adachi. Por um tempo, corri pelas escadarias ilusórias e corredores roxos e tortuosos... mas quanto mais eu corria, mais confusa minha mente ficava.

“Ugh.”

Muito esforço.

~Segunda-feira, 10 de fevereiro~

“Ah, é a Shima-chan!” alguém chamou enquanto eu estava a caminho da escola. Confusa, virei-me, mas não consegui identificar imediatamente quem era. Sabia que não podia ser alguém da minha turma, já que ela estava correndo na direção oposta. Esfregando meus olhos sonolentos de segunda-feira, examinei sua aparência. Ela parecia ter a mesma idade que eu.

Ah, entendi. Acho que é isso.

“Oi, quanto tempo sem te ver!”

Ela era uma das minhas antigas amigas da escola primária. O nome dela era... uhh... Era... *Oh não, não tenho ideia de qual é o nome dela.* Entrando em pânico internamente, decidi que minha única opção era continuar sorrindo.

Felizmente, minha antiga amiga não suspeitou de nada. Ela sorriu e trouxe a bicicleta de volta na minha direção. O penteado e a roupa dela haviam mudado completamente desde a escola primária — sem mencionar que ela nunca usava maquiagem — então, em termos de aparência, ela era praticamente uma pessoa bastante diferente. Estranho como eu a reconheci apesar disso.

“Uau, seu cabelo está bem mais claro agora!”

“Bem, você sabe como é. Estou envelhecendo!” Brinquei, rindo amigavelmente enquanto dava um empurrãozinho brincalhão no ombro dela. “Vamos, não me faça parecer que tenho oitenta anos.”

“Não combina muito com você, né?”

O comentário direto dela me atingiu em cheio, como se alguém tivesse despejado um balde de tinta na minha cabeça. *Não combina?* Peguei uma mecha descolorida e a encarei. Todo mundo parecia compartilhar essa opinião — até mesmo minha família — então talvez fosse melhor eu voltar para a cor natural.

Mas se eu fizesse isso, bem… Eu teria a mesma cor de cabelo que a Adachi, sabe? Então não complementaríamos mais como fazemos agora e… *Espera, o que estou pensando? Complementar? De que perspectiva? Não estou tão perdida assim, estou?*

“Então me diga, Shima-chan, ainda mantém contato com alguém?”

“Hum…não muito…”

“Entendi. Faz sentido.”

Faz sentido como? Parecia que ela estava apenas dizendo coisas aleatoriamente para manter a conversa, e eu forcei um sorriso. Por mais que eu fosse uma boa atriz por fora, sempre me sentia desconfortável conversando com pessoas do meu passado.

Talvez essa conversa tivesse decolado como um pássaro antigamente, mas agora aterrissava como um sapo molhado no pavimento. Dizem que a persistência é a chave para muitas coisas, e, como se viu, relacionamentos eram uma dessas coisas. Sem a manutenção regular, uma amizade poderia facilmente secar.

“Ah, e você se lembra daquela garota, Tarumi?”

“Tarumi? Sim, com certeza,” respondi vagamente. De alguma forma, eu não conseguia admitir que tinha esbarrado com ela apenas alguns dias atrás.

“Eu a vi alguns finais de semana atrás na estação de trem. Ela está tãão alta agora!”

“Ah é? Que legal.”

Pensando bem, Tarumi *era* bem alta. E ela tinha pernas longas. Pessoalmente, eu estava com inveja de ambos os casos.

Houve um longo silêncio, como se ela tivesse interpretado minha resposta como desinteressada. Então, para escapar do constrangimento, ambas acenamos um adeus, resgatadas pela nossa obrigação adolescente de ir para a escola.

“Até mais!”

“Até!”

E assim, seguimos nossos caminhos. Nenhuma de nós disse a palavra “adeus”, mas eu sentia que provavelmente nunca nos veríamos novamente. Ela só tinha me parado na rua porque minha presença era uma raridade. Se por algum acaso acabássemos nos encontrando todas as manhãs depois disso, perderíamos qualquer razão que tivéssemos para dizer oi. Essa era a sensação que eu tinha, pelo menos.

Era assim que “velhos amigos” funcionavam. Onde antes nossos relógios estavam perfeitamente sincronizados, agora seus ponteiros marcavam horários diferentes. Seria necessário esforço e ajuste para alinhá-los novamente.

Ao passar pelo cemitério, olhei para as lápides e avistei o nome Tarumi. Tracei as letras no ar com meu dedo — mas, na verdade, ela não estava tão além do

meu alcance. Ela havia sido vista tanto no açougue quanto na estação de trem; com certeza, ela devia morar por aqui em algum lugar.

E se eu a encontrasse novamente? Como eu me sentiria?

Não que eu realmente planejasse me esforçar para encontrá-la, mas... depois de um momento de consideração, decidi que não me importaria de vê-la novamente.

A verdade é que eu podia traçar a maior parte do meu comportamento nessas quatro palavras: "*Eu não me importo.*" Era o lugar onde meu coração sempre se acomodava.

“É assim que sempre acontece comigo, eu acho.”

Não que houvesse algo de errado com isso. Ainda assim, uma parte de mim esperava que um dia eu pudesse passar para “Eu gostaria disso” em vez de “Eu não me importo”.

~Terça-feira, 11 de fevereiro~

Alguém disse uma vez que "o maior defeito da humanidade é nossa tendência a declinar gradualmente." Acontece devagar, nos corroendo por dentro, de modo que não percebemos até que seja tarde demais.

“Foi o que ouvi, pelo menos.”

“Interessante...”

Enquanto Nagafuji tagarelava, continuei esparramada sobre a mesa do kotatsu. Enquanto isso, Adachi alcançou mais um objetivo. Para alguém que dizia não saber as regras do jogo, ela progredia de um ponto de controle para outro muito rapidamente... Talvez essa falta de conhecimento a mantivesse focada em um único objetivo. Apesar de sua confusão, ela parecia muito mais animada do que de costume, então claramente estava feliz por estar ganhando.

Quanto a mim, de alguma forma, acabei em último lugar. *Ah, não*. Voltei para uma posição onde estivesse sentada. Não era hora de ficar mofando no kotatsu.

Naquele dia, estávamos todas passando um tempo na casa da Nagafuji após a escola. A família dela administrava um açougue e, embora eu tivesse comprado comida na loja deles inúmeras vezes, essa era apenas a segunda vez que eu pisava no espaço onde viviam. O cheiro e o crepitar do óleo da fritadeira permeavam todo o prédio, e, embora eu gostasse, também me deixava um pouco com fome.

Da última vez que estive aqui, só fiquei para uma xícara de chá, mas hoje estávamos jogando videogame. Esta solicitação — *Espera, estou usando essa palavra corretamente? Tanto faz* — basicamente começou durante o almoço, quando Hino e Nagafuji anunciaram que queriam jogar *Momotetsu*.

“Ah, vamos chamar isso de um estudo de geografia.”

Hino estava sentada mais próxima à TV, com um joelho dobrado, focada intensamente no jogo. Considerando que essa ideia foi dela desde o começo, fazia sentido que ela estivesse mais envolvida. Por outro lado, ela tendia a se envolver em praticamente *qualquer* competição, não importava de quem fosse a ideia. Em contrapartida, Nagafuji e eu estávamos desmaiadas no *kotatsu*, esticando os braços e agitando as mãos, como um par de insetos morrendo balançando as pernas com suas últimas forças. *Pensando bem, essa é uma imagem mental bem nojenta.*

Então chegou a vez da SHIMAMURA (GESTORA), e eu rolei os dados sem realmente prestar atenção.

Como tínhamos que nos revezar usando os controles em duplas (Adachi e Hino, eu e Nagafuji), naturalmente, precisávamos sentar em pares também. Nagafuji e eu basicamente dominamos o *kotatsu* — será que as outras estavam com frio? Adachi estava sentada diagonalmente à minha esquerda, e Hino diagonalmente à minha direita. No começo, tivemos que ensinar Adachi a jogar *Momotetsu*, mas agora que estávamos no sexto ano dentro do jogo, ela já havia pegado o jeito. Ela não estava usando nenhum de seus cartões de ação, mas tudo bem.

“Dizem que só pessoas maldosas são boas nesse jogo, então claramente você deve ser uma santa, Shimamura,” provocou HINO (SACERDOTISA). Mas... seguindo essa lógica, isso significaria que Adachi era um verdadeiro monstro.

Falando em Adachi, ela olhou por cima do ombro para mim. “Eu, uh... acho que você provavelmente é uma santa,” ela gaguejou, seus olhos se movendo em todas as direções.

“Obrigada,” respondi despreocupadamente. Sério, eu apreciava o esforço dela em tentar me oferecer um prêmio de consolação por estar em último lugar. Observação: o cargo de Adachi no jogo agora era CEO. E Nagafuji era… um robô. Isso mesmo.

Toda vez que NAGAFUJI (ROBÔ) adquiria um cartão de ação, ela o usava na hora, sem pensar em estratégia ou timing. Muito apropriado, eu sei. Se o cartão permitia escolher um alvo, ela sempre escolhia Hino, e se desse certo, Nagafuji comemorava como se fosse seu aniversário. *Esse robô realmente precisava se acalmar.*

Sinceramente, não era *necessário* mais de dois jogadores para esse jogo, então parte de mim estava confusa sobre por que se deram ao trabalho de convidar Adachi e eu. Quero dizer, claro, eu era tecnicamente amiga delas... mas a Adachi? De alguma forma, duvidava que ela sentisse qualquer tipo de afinidade por elas. Se eu não fosse convidada, ela provavelmente não teria vindo. Ela simplesmente não era o tipo de garota que prioriza quantidade sobre qualidade quando se tratava de amigos. Quanto a mim, tendia a gostar desse tipo de coisa, então não me importava de sair para me divertir.

Depois disso, continuei em último lugar por algum motivo; enquanto isso, Adachi oscilava entre o primeiro e o segundo. Então, num piscar de olhos, já eram 7 da noite, então decidimos encerrar por hoje.

“Terminaremos o jogo outra hora.”

“A menos que o console seja reiniciado.”

“Sim… Essa é a parte mais assustadora da geração de cartuchos.”

Hino e Nagafuji estavam tendo alguma conversa sobre consoles antigos, mas, pessoalmente, eu nunca tinha visto um tão antigo até hoje. Pela descoloração amarelada, dava para perceber que o console havia “crescido” junto com seus donos.

Já tivemos um desses quando eu era mais jovem?

Com o passar dos anos, fomos trocando nossos jogos antigos por novos. Agora, eles provavelmente estavam acumulando poeira em algum lugar, junto com o resto das minhas memórias de infância. Afinal, eu nunca consegui me comprometer com nada por muito tempo.

Então, como eu tinha chegado até aqui?

Do lado de fora, o ar frio da noite envolvia dolorosamente meus braços e pernas. Minha respiração flutuava em uma nuvem pálida, como se iluminasse a escuridão.

"Ei, hum... quer que eu... te leve para casa?" Adachi perguntou de repente.

Foi uma oferta gentil, claro, mas morávamos em direções diferentes. "Vai ser um desvio bem grande para você... Tem certeza?" perguntei.

Ela assentiu entusiasmadamente, então decidi aceitar. Colocando minha mochila no cesto da bicicleta dela, pulei na garupa.

Sinceramente, Hino não sabe do que está falando. Adachi é doce demais para ser má.

"Sabe, você realmente mudou muito desde que nos conhecemos," murmurei, pensativa, observando seu rosto antes de partirmos. A antiga Adachi nunca teria me acompanhado por horas. Ela era muito mais quieta, e quando falava, eram apenas algumas palavras secas.

"Ugh, nem me lembre disso" ela respondeu com uma voz baixa e tímida. Evidentemente, ela concordava com o que eu havia dito.

Não que eu quisesse sugerir que ela tinha mudado para pior, claro — na verdade, ela poderia ser um pouco mais confiante. Por outro lado, ela *estava* agindo um pouco mais estranha ultimamente. Ok... um *pouco* mais estranha. Mas... acho que não me importava muito.

Nesta época do ano, o sol se punha muito antes das 19h. A escuridão era diferente da do verão; era mais profunda, mais pesada. Aqui no interior, havia algumas lâmpadas de rua esparsas, mas a rua em si se estendia à nossa frente como uma víbora negra. Mesmo assim, com apenas o ocasional ponto de luz para iluminar nosso caminho, seguimos em frente.

“Você se divertiu?” eu perguntei. Então tive uma estranha sensação de *déjà vu*, como se eu já tivesse perguntado isso antes.

“Sim,” Adachi respondeu, olhando em frente. Sua voz estava tão seca quanto o vento de inverno.

Hmmm. Bem, não é como se eu fosse a mãe dela. Ela pode tomar suas próprias decisões, eu acho.

“Ei, Shimamura? Não se esqueça, é... em três dias...”

Eu realmente gostaria que você parasse de olhar para mim enquanto está guiando a bicicleta! Definitivamente não era a primeira vez que ela fazia isso, também.

“Chocolate, certo? Não se preocupe, eu não vou esquecer,” eu respondi, com um sorriso rígido.

Pensando bem, ainda não comprei nenhum, não é? Eu preferiria não ter que correr para comprar na última hora, então devo ir comprar amanhã ou depois. Então tudo o que eu terei que fazer é entregar para ela, eu acho.

Honestamente, eu estava um pouco preocupada que isso não fosse tão divertido e emocionante quanto Adachi esperava. Afinal, ela já sabia que eu lhe daria algo.

Mas chocolate é delicioso e doce — e foi precisamente o conhecimento antecipado de seu sabor que estimulou meus desejos. Então talvez, de certa forma, Adachi estava certa: às vezes, surpresas *são* superestimadas.

~Quarta-feira, 12 de fevereiro~

No meu ritmo atual, achei que *provavelmente* chegaria a tempo para o primeiro período. Então, quando passei pelo cemitério, desacelerei para andar. O vento forte de inverno roçava minha pele avermelhada, drenando todo o calor que eu tinha acumulado correndo. Ele tinha começado a soprar por volta da meia-noite de ontem e não mostrava sinais de parar tão cedo. O som de *whhhsssshhh* nos meus ouvidos era ensurdecedor. Curiosidade: quando eu era pequena, achava que esse era o som que as nuvens faziam quando se esfregavam uma contra a outra.

Talvez eu devesse arranjar um trabalho de meio período, como Adachi, para poder economizar e comprar minha própria bicicleta, pensei enquanto recuperava o fôlego. Afinal, a chamada “bicicleta da família” era praticamente a bicicleta pessoal da minha mãe neste ponto.Eu adoraria se ela pelo menos me deixasse usá-la nos dias em que eu estava atrasada, mas não. Em vez disso, ela insistia que era minha culpa por ter dormido demais — e ela estava certa. *Mas se você sabe que eu vou me atrasar, eu apreciaria se você me acordasse, sua idiota!*

No fim das contas, acho que ela só queria que eu cuidasse de tudo sozinha. Melhor do que ela ficar me controlando o tempo todo, pelo menos. Como resultado, eu era responsável por sair tarde… e tudo o que isso acarretava.

Enquanto passava pelo pequeno parque ao lado do cemitério, percebi um bocado de cabelo que saltava à vista balançando ao vento como uma borboleta, soltando brilhos em vez de escamas. Era Yashiro, fazendo calistenia. Naturalmente, ela estava sozinha, de frente para o cemitério e contando sozinha alegremente enquanto fazia alongamentos laterais. Observando ela, a única coisa que me vinha à mente era: *Deus, ela é tão estranha.*

Ela ainda não tinha me notado, então considerei seguir meu caminho e ir para a escola. Mas eu não poderia simplesmente deixá-la ali, em público numa manhã de dia útil sem mochila à vista. Eu sabia que a primeira aula começaria em breve, mas decidi fazer um desvio pelo parque mesmo assim.

Ela me avistou e imediatamente correu em minha direção. “Ora, se não é a Shimamura-san!”

Como você consegue usar esse vestido de verão sem mangas no meio do inverno? Sem leggings ou qualquer coisa. Toquei seu ombro curiosamente; estava gelado (sem surpresa). Ainda assim, estava perfeitamente liso, sem sequer sinal de arrepio.

“Precisa de alguma coisa?” ela perguntou.

“Não, não particularmente.” *Mas você provavelmente não deveria estar aqui a essa hora do dia. Não que eu tenha algum direito de julgar.* “Você não tem escola hoje?”

“Ha ha ha! Não seja boba. Eu sou uma adulta,” ela declarou com satisfação.

“Certo.” Só para experimentar, eu a peguei e a levantei bem alto no ar.

“Uhuuu!” ela gritou, balançando os membros.

Adulta o caramba. “Se você começar a faltar à escola com a sua idade, vai ser uma delinquente para sempre.”

Yashiro era ainda mais leve que minha irmã; eu a balançava de um lado para o outro, fazendo cair uma cascata de brilhos azuis que o vento carregava imediatamente. Na verdade, era até divertido rastrear as correntes de ar a olho nu.

“Eu *tenho* 680 anos, sabia?”

“Ah, é, eu esqueci completamente.”

Não percebi que os alienígenas de 680 anos eram todos tão baixos e magros quanto minha irmã. Cara, se eu tivesse que viver tanto tempo, provavelmente morreria de tédio.

Eu a coloquei no chão, e ela me lançou um olhar que dizia: “É só isso?” Eu respondi: “É só isso.”

Com um aceno, decidi que era hora de seguir em frente. “De qualquer forma, eu tenho que ir para a escola. Até mais.”

Sendo sincera, eu não estava totalmente confortável com a ideia de deixar uma criança sozinha no parque, mas eu também não tinha tempo livre para cuidar dela. No entanto, eu sentia algo me puxando de volta.

Parei perto da entrada do parque e olhei por cima do ombro. Claro, Yashiro estava me observando. Eu me virei, corri alguns passos e então parei e olhei para trás novamente. Ainda me observando.

“Ah, pelo amor de Deus.”

Eu me virei de volta. *Deve ser aquele instinto de irmã mais velha entrando em ação*, eu resmunguei para mim mesma enquanto xingava minha falta de comprometimento.

Yashiro me cumprimentou com um sorriso sarcástico. “Parece que essa técnica ninja é bastante conveniente.”

“Que ‘técnica ninja’?”

“Aquela em que eu te encaro até você voltar.” Ela assumiu uma pose de ninja.

Nossa, como você é adulta. “Desculpe estourar sua bolha, mas não foram suas *habilidades de ninja* que fizeram isso acontecer. Eu sou só uma pessoa *super* legal.”

“Ah, sim, claro! Você é uma pessoa super legal!”

Eu queria que fosse uma piada, mas então ela concordou, e eu realmente não sabia o que dizer depois disso. Na verdade, eu estava um pouco envergonhada por ter dito isso.

“Espero que esteja agradecida,” eu acrescentei.

“Sim! Estou muito agradecida!” Ela correu em minha direção e envolveu seus braços ao redor da minha cintura em um abraço.

Eu realmente não precisava que ela me agradecesse, mas ela havia me pegado mentindo no flagra, e agora eu estava sem saída. Então ela começou a esfregar o rosto contra meu estômago. Ela era tão pura e inocente, seu coração provavelmente brilhava tanto quanto seu cabelo. Então, por que esse tipo de sinceridade desinibida me incomodava? Talvez fosse porque, aos dezesseis anos, eu estava entre a infância e a idade adulta, e qualquer coisa que não estivesse enterrada em uma camada espessa de ironia era difícil de aceitar de frente. Será que isso era apenas parte do território que vinha com ser uma adolescente?

“Bem, não acho que devíamos ficar aqui paradas… mas não tenho certeza de onde mais poderíamos ir.”

Eu estava vestida com o uniforme escolar, então não poderíamos ir a um café ou algo assim. E, embora Yashiro e eu fôssemos tecnicamente amigas, ela era muito visivelmente não relacionada a mim, e eu não queria que as pessoas pensassem que eu era algum tipo de sequestradora de crianças.

Meu primeiro pensamento foi levá-la para a casa dela, mas de alguma forma eu podia perceber sem perguntar que nunca iria descobrir onde ela morava. Não porque eu acreditasse genuinamente que ela era uma alienígena, mas ainda assim. Apenas uma sensação que eu tinha.

Sem mais opções, meu próximo pensamento instintivo foi o segundo andar do ginásio da minha escola. Era para lá que minha mente recorreu quando tentei pensar em um canto isolado, e foi assim que acabei passando o tempo lá em primeiro lugar.

“Vamos para a sua casa!” Yashiro sugeriu, ainda insistente em se agarrar à minha cintura.

Minha casa, hein? Minha mãe provavelmente já tinha saído, então não era estritamente fora de questão. Ainda assim, se eu voltasse para casa, isso significaria abrir mão de qualquer ilusão que eu tivesse de realmente ir para a escola hoje.

“A Pequena está em casa?”

“Pequena? Ah, você quer dizer minha irmã?” Yashiro assentiu ansiosamente.

Em que mundo minha irmã mais nova estaria em casa numa manhã de dia útil?
“Ela está na escola. Lembra?”

“Awwww…” Yashiro se afundou em uma demonstração dramática de decepção. Felizmente, seu aperto em mim afrouxou, e eu percebi que podia usar minhas pernas novamente.

Desviando o olhar do cemitério na vaga direção da minha escola, cocei a cabeça. “Bem… acho que não faz mal, desde que eu não faça disso um hábito.” E assim, assumi a responsabilidade e tomei a decisão consciente de faltar à escola.

Era tão estranho voltar pelo mesmo caminho que eu acabara de correr — sem mencionar que havia uma pequena gremlin de cabelo azul me acompanhando. Eu odiava o frio, e odiava gastar energia, então o que eu estava fazendo com a minha vida?

No entanto, apesar do meu suspiro cansado, percebi que não me importava muito com isso.

***

Tirei a jaqueta e voltei para o futon, ainda vestindo o restante do uniforme. Sabia que sofreria pelas minhas transgressões, mas simplesmente não estava com vontade. Então, em algum momento, adormeci, e quando acordei, encontrei Yashiro profundamente adormecida ao meu lado sob o cobertor.

Sua cabeça ainda repousava no meu braço, que agora estava dormente do cotovelo para baixo. Seria esse o rosto pacífico de uma pessoa de seiscentos anos?

Duvido. Enquanto a observava, senti minhas pálpebras ficarem lentamente mais pesadas novamente. Mesmo depois de fechadas, ainda via levemente aqueles brilhos azuis… Estava tão aconchegante e tranquilo que sentia um sonho agradável me esperando.

Um tempo desconhecido se passou… e então meu cérebro embaçado ouviu vagamente a campainha tocar. Mas eu não estava em condições de sair da cama.

Yashiro, no entanto, saltou impulsivamente e começou a girar no lugar. “Você está com sono, Shimamura-san?”

“Mnnnn…”

“Devo atender para você?”

“Sim, por favor…”

“Deixa comigo!” Ela saiu cambaleando pelo corredor.

Ela é muito mais atenciosa do que minha irmã, pensei, impressionada. Sorrindo, me virei na cama — mas, justo quando estava prestes a adormecer novamente, percebi meu erro.

Se a pessoa na nossa porta fosse um vendedor de jornais… ou um vizinho… ou… literalmente qualquer um, agora que penso nisso… A presença de Yashiro só causaria *mais* problemas. Então, sem outra opção, me forcei a sair da cama e a segui.

Meu cérebro ainda estava meio adormecido, e tudo, do pescoço até a lombar, parecia chumbo. Esfregando os olhos, saí do meu quarto… e vi Adachi parada na soleira da porta. Pelo fato de ela estar vestida com o uniforme, minha suposição era que ela havia decidido parar aqui depois que as aulas acabaram.

“Oh, Adachi.”

Admito que fiquei um pouco surpresa em vê-la aqui. Olhei para minhas roupas e, claro, estavam completamente amassadas, como eu temia.

“Ah, entendi.” *Não é grande coisa — é só a Adachi*, pensei, então não me dei ao trabalho de correr de volta para o meu quarto para me trocar. Então percebi que a pequena de cabelo azul estava faltando. “Onde está a Yashiro?”

“Ela saiu. Disse que precisava ‘procurar o jantar,’ seja lá o que isso signifique.”

“Ah, certo. Ela é uma alma livre. Então, o que houve?”

Eu a olhei como quem pergunta, “Precisa de alguma coisa?”

“Bem, você não foi à escola hoje, então pensei que talvez estivesse doente. Eu te mandei uma mensagem, sabia?” Adachi explicou rapidamente, mexendo em sua franja.

Ao ouvir a palavra “mensagem”, virei-me e olhei na direção do meu quarto. *Onde eu coloquei meu celular? Ah, certo. Deve estar ainda na minha mochila.*

"Ah, desculpa. Deixei meu celular na bolsa, então não percebi."

Nesse ponto, meu pescoço e costas começaram a melhorar. O ar frio entrava pela porta da frente aberta, clareando a confusão na minha mente. *Conhecendo-me, eu dou sessenta segundos antes que o frio passe de “agradável” para “pesadelo.”*

Então, por que Adachi estava aqui? Ela parecia um pouco carrancuda; seus lábios estavam ligeiramente empinados. Será que ela estava chateada por eu não ter respondido a mensagem?

"Bem, de qualquer forma, eu vim para ter certeza de que você estava bem. Desculpe se eu te acordei."

"Awww, você é um amorzinho!" Eu estendi a mão para ela completamente por impulso, como se fosse minha irmãzinha; meus dedos passaram pelos cabelos dela. Mas o braço que usei ainda estava dormente desde que a Yashiro dormiu nele, então eu não consegui sentir muita coisa. Que desperdício.

Inicialmente, Adachi se assustou quando a toquei, mas depois ela ficou olhando para o chão e me deixou continuar.

"Ah, desculpa. Força do hábito.”

Eu não queria que ela me xingasse por ser condescendente, então comecei a me afastar — mas ela se inclinou para frente com a minha mão recuando, quase como se fosse atraída por uma força magnética. Seria essa a maneira dela de dizer “continue”? Como um teste, comecei a acariciá-la novamente; em resposta, ela ficou imóvel. Evidentemente, eu estava certa.

Agora eu entendia exatamente o que Adachi queria de mim; ela queria algo em que se apoiar. Algo que estivesse lá para ela, não importa o quê.

No passado, esse “algo” era a parede do segundo andar do ginásio. Compartilhamos aquele espaço juntas, vimos as estações mudarem juntas, seguimos em frente juntas… Agora *eu* era a coisa que a sustentava. Como isso aconteceu?

“Bem, então.”

Envergonhada, Adachi olhava para o chão… mas não se afastava. Eu não sabia o que estava acontecendo com ela, mas pelo menos a sensação estava começando a voltar para a minha mão.

Ela era uma bebê carente, e eu aceitei isso. Nossa conexão era tão real quanto o cabelo entre meus dedos.

~Quinta-feira, 13 de fevereiro~

Infelizmente, depois de fazer o papel de babá o dia todo, não consegui ir comprar o chocolate ontem. (Sim, estou culpando a Yashiro por isso, e não, não me sinto mal por isso.) Agora, minha única opção era hoje após a escola, então passei toda a aula de educação física pensando em onde ir. Afinal, barras de chocolate de supermercado são petiscos casuais, não presentes significativos. Talvez minha irmã não se importasse se eu desse a ela o chocolate mais barato, mas a Adachi definitivamente se importaria. Pelo menos, eu estava bastante certa disso. Ela parecia se importar um pouco mais com formalidades do que eu.

Adachi e eu estávamos sentadas na beirada, assistindo a bola de vôlei voar para frente e para trás enquanto Hino e Nagafuji corriam pelo lado delas da quadra. Hino estava indo bem, mas Nagafuji se movia aleatoriamente, e até eu podia perceber que ela era um detrimento para sua equipe. *Talvez seja bom usar seus óculos na próxima vez.*

Enquanto nós duas estávamos lado a lado no chão da quadra amarelado e um pouco rangente, eu quase podia ouvir o canto das cigarras do verão passado. Olhei para a Adachi pelo canto dos olhos e a encontrei olhando para o segundo andar. Evidentemente, ela também estava relembrando. Alguma parte dela ainda queria voltar lá?

Triste dizer, mas iríamos congelar se tentássemos nos esconder lá agora. Eu estava contente em simplesmente seguir o fluxo das estações que mudam constantemente, então olhei para frente e fingi não notar para onde ela estava olhando. *Hora de planejar meus planos para depois da escola.*

A loja de doces perto da livraria era uma opção. Seu estacionamento estava sempre cheio sempre que eu passava por lá, o que naturalmente me fazia pensar que o lugar devia ser popular. Também era, se a memória não me falhava, o mesmo lugar onde eu havia comprado um bolo para o aniversário da minha irmã. Não que eu realmente me lembrasse do gosto do bolo, além de "açucarado."

Eu poderia pegar o trem para Nagoya e conferir o shopping subterrâneo — provavelmente teria muito mais opções lá — mas, dada minha inclinação para a preguiça, era duvidoso que eu conseguiria me motivar a ir. Sinceramente, Adachi provavelmente apreciaria mais se eu o fizesse, mas... Bem, quero dizer, obviamente eu queria que meu presente a fizesse feliz, mas... Novamente, o nível de esforço me fazia hesitar.

Quando a aula de educação física terminou e o horário do almoço começou, eu havia decidido com sucesso que enfrentaria a situação e compraria algo na loja de doces local. Agora era hora da minha refeição — um sanduíche pronto que eu havia pegado na loja de conveniência a caminho da escola esta manhã. Adachi também tinha um sanduíche; cada mordida vinha com um gole de água mineral. Por que o almoço dela parecia tão miserável e sem graça em comparação? Seria porque eu não conseguia ver seu rosto daqui?

Às vezes, nós duas almoçávamos juntas; às vezes, almoçávamos separadas. Cada dia tinha uma chance de cinquenta por cento de qualquer um dos resultados. Mas não era como se os dias da semana fossem diferentes uns dos outros — então o que inspirava Adachi a vir se sentar comigo apenas alguns dias? Eu estava um pouco curiosa. Será que ela só queria almoçar juntas nos bons dias? Ou era um prêmio de consolação reservado para os dias ruins?

Enquanto eu contemplava isso, meu telefone tocou dentro da minha mochila. Normalmente, eu o mantinha desligado durante as horas de aula, mas hoje eu devia ter esquecido. Quem poderia estar me ligando? Eu o peguei para verificar.

Era a Tarumi. O cabelo castanho-acinzentado dela veio à mente. *A Tarumi está me ligando?* Isso era algo que eu não tinha previsto. Como a sala de aula estava um pouco barulhenta para uma ligação, eu saí para o corredor, caminhei até o final e me encostei na parede. Então, atendi o telefone.

“Alô?”

Senti o frio da parede através do meu uniforme. Pressionei minha coxa descoberta contra ela experimentalmente e quase gritei de surpresa.

“Oi, Shima-chan. Está livre hoje?”

Ela nem se deu ao trabalho de dizer “é a Tarumi” — já foi direto para a pergunta. Então, eu estava livre hoje? “Você quer dizer depois da escola? Eu ia dar uma passada rápida para fazer umas compras.”

“Você se importa se eu for junto? Ou você vai com suas outras amigas?”

A conversa estava seguindo exatamente como eu esperava — ou seja, estávamos planejando outro encontro. Mas ainda parecia tão repentino. *O que eu deveria dizer?*

Ela era uma amiga antiga. Ênfase em *antiga*. Eu não conhecia essa nova versão dela. Ao mesmo tempo, se éramos amigas antes — e de fato, éramos melhores amigas — talvez pudéssemos ser amigas novamente. Talvez aquela magia ainda estivesse lá.

“Não, mais ninguém vai vir, mas você pode ir se quiser. Onde quer se encontrar?”

“Que tal na estação? Talvez na frente da loja de rosquinhas?”

“Mmm…claro, pode ser. Nos encontramos lá depois da escola, por volta das 16h30.”

Com esse acordo agora estabelecido, eu desliguei. Então, fiquei olhando para a tela do celular e passei a mão pelo queixo em contemplação. Não estava esperando ouvir a Tarumi, muito menos vê-la novamente tão cedo.

“Parece que *vou* vê-la de novo, né?”

Eu tinha algumas reservas vagas e persistentes sobre a escolha que havia feito.

Na escola primária, Tarumi e eu éramos praticamente inseparáveis, como Hino e Nagafuji. Então, talvez não fosse tão estranho assim... mas, por outro lado, eu também não estava exatamente empolgada. Teríamos que compensar o tempo perdido com muita conversa. Claro, obviamente teríamos que falar sobre alguma coisa de qualquer forma, mas… Bem, talvez tudo se resolva. No final, decidi ir pelo lado do otimismo.

De qualquer forma, como já estava obrigada a ir à estação de trem, talvez não fosse um problema ir a Nagoya e ver o que eles tinham a oferecer. Um motivo nunca era suficiente para me motivar, mas quando havia dois motivos para fazer algo, eu começava a me iludir pensando que era a escolha racional. *Estranho como meu cérebro funciona.*

Quando voltei para a sala de aula, encontrei Adachi me olhando. Eu acenei para ela; ela acenou de volta, um pouco rígida. *Legal. Missão cumprida*. Claro, eu não tinha realmente realizado nada, mas isso não vinha ao caso — eu estava agora com um humor incomumente bom.

Quando voltei para a minha mesa, encontrei Nagafuji *comendo o meu maldito sanduíche*. Ela mastigava lentamente, pensativa, como se estivesse refletindo sobre o sabor.

“Ei!”

“Um pouco pesado demais na maionese esse aqui.”

“Que direito você tem de comer minha comida?!”

Lá estava ela, sentada na *minha* mesa, comendo (e criticando) *meu* almoço. *Quem você pensa que é? A Yashiro?* Eu afastei Nagafuji da minha cadeira e examinei meu sanduíche.

“Ugh, você deu mordidas *enormes*!”

Quase não restava nada. A crosta formava uma meia-lua, como os restos de uma ilha bombardeada. Além disso, como se quisesse compensar, ela deixou metade de um croquete de carne moída na minha mesa.

“Se você adicionar um dos nossos croquetes especiais ao seu sanduíche, vai ficar muito melhor,” explicou Nagafuji, com os cantos da boca grudados com maionese.

“Ah, valeu pela propaganda. Vou me lembrar de contar para minha mãe.” Levantei a mão e afastei-a.

Ela correu de volta para Hino…

“Você trouxe um para mim?”

“Claro que sim.”

…e deu a última mordida do meu sanduíche na boca de Hino. *Vocês são insuportáveis!*

Eu pensei em contra-atacar, mas pelo jeito elas já tinham terminado de comer. Então, optei pelo croquete. *Tenho certeza de que comi isso na semana passada, mas tudo bem*, pensei, mordiscando cautelosamente, caso Hino e Nagafuji tivessem colocado algo estranho dentro para me pregar uma peça. Nada de estranho, só carne moída comum. Aliviada, olhei para elas. *Eeeee elas estão fazendo uma luta de polegares. Nunca há um momento entediante com essas duas*. Balancei a cabeça e ri sozinha

Então Adachi se virou e olhou para mim. Comecei a acenar novamente, mas ela foi mais rápida desta vez. Por que ela sempre tinha que tornar tudo tão desconfortável? Seus movimentos eram tensos e agitados, quase como se não soubesse por quanto tempo acenar. Era engraçado, a forma como o aceno encapsulava perfeitamente sua energia tímida e ansiosa. Ainda assim, eu acenei de volta tranquilamente, como se estivesse tentando dar o exemplo.

Pela primeira vez, meu intervalo estava um pouco menos monótono.

Era divertido compartilhar a sala de aula com Hino, Nagafuji e Adachi. Eu gostava das suas palhaçadas bobas. Mas isso só duraria mais dois meses, no máximo.

Que tipo de primavera estaria à minha espera?

***

Nesta época do ano, eu sempre detestava ter que sair de casa. Silenciosamente, amaldiçoava quem decidiu colocar o Dia dos Namorados em fevereiro. Quero dizer, obviamente havia razões culturais legítimas para isso. Além disso, não poderia ser no verão, senão o chocolate derreteria. Mas, nesse caso, por que focar tanto no chocolate?

Primeiro, corri para casa para trocar de roupa; depois peguei a bicicleta da família até a estação de trem. Nessas horas, eu realmente começava a desejar ter uma bicicleta própria para ir e voltar da escola mais facilmente. Talvez eu pudesse conseguir um trabalho de meio período durante as férias de primavera. *Deveria perguntar à Adachi sobre isso, já que ela entende mais desse tipo de coisa do que eu.*

Lutando contra o fluxo de pessoas — estudantes jovens e velhos, todos indo para casa no final do dia — logo cheguei à estação. Quando cheguei à loja de rosquinhas, a Tarumi já estava me esperando no exato mesmo lugar onde Adachi e eu havíamos comido nossas rosquinhas. Ela estava com o uniforme escolar, mas não carregava a mochila; quando me viu, calçou os sapatos e levantou-se.

"E aí!"

“Boa noite,” cumprimentei-a, então percebi imediatamente que ainda não era noite. Mas, em vez de me corrigir, fiquei em silêncio.

Ela me conduziu até a escada rolante próxima, e nós subimos. Eu não havia contado a ela sobre meus planos, mas aparentemente ela também estava pensando em algum lugar na direção geral de Nagoya. Enquanto eu olhava para a nuca de Tarumi, algo parecia vagamente errado nisso. Quase como se eu estivesse saindo com uma estranha.

“Então, o que você vai comprar?”

“Chocolate.”

“Ah, é? Tem namorado ou algo assim?” ela perguntou animada.

Não, mas estou supondo que você provavelmente tem. “Não, é só para uma amiga,” respondi.

Nunca teríamos fofocado sobre garotos na escola primária. *Acho que realmente crescemos*. Mas, ao comparar minhas memórias com a realidade, minhas memórias estavam fadadas a perder. Uma pequena pontada de melancolia perfurou meu peito.

“Ah, é mesmo?”

“É, é mesmo.”

Como um filhote de pássaro, nossa conversa balançava e caía, mas nunca conseguia decolar. Por mais que tentássemos, não conseguíamos abrir as asas e voar. O tempo perdido trabalhou contra nós.

Enquanto comprava um bilhete na máquina no segundo andar, pensei na Adachi. Se ela me visse saindo com outra amiga, eu tinha certeza de que as coisas ficariam… sabe… *estranhas*. Como se ela tivesse me visto de mãos dadas com a Yashiro daquela vez. Esse tipo de estranheza.

Eu quase nunca pegava o trem, especialmente a essa hora do dia, então parecia meio surreal passar pelos catracas. Na escada, cruzamos com alguns estudantes do ensino médio de Nagoya. Tarumi começou a andar mais rápido; eu acompanhei o ritmo. Ela deve ter percebido que o trem com destino a Nagoya já havia chegado à plataforma.

Quando chegamos ao mezanino, o intercomunicador nos informou que o trem partiria em breve, então corremos para o vagão mais próximo. Havíamos dado apenas alguns passos dentro do trem quando as portas se fecharam atrás de nós.

“Foi por pouco, hein?”

“É, realmente chegamos no limite.”

Ofegante, Tarumi alisou o cabelo. Enquanto isso, eu ajeitei minha camisa. Viramos na direção do movimento do trem. À frente, havia um único assento disponível em um grupo de quatro voltados um para o outro; Tarumi e eu trocamos um olhar, mas nenhuma de nós tomou a iniciativa.

“Quer se sentar?”

“Você pode se quiser,” ela respondeu.

Havia um silêncio constrangedor enquanto permanecíamos ali, paralisadas — nos olhando, mas sem realmente ter o contato visual.

Eu cedi.

“Certo então… acho que vou… sentar?”

“Claro.”

Nenhuma de nós estava tentando ser especialmente educada; estávamos apenas muito reservadas para tomar a iniciativa. Talvez se houvesse dois assentos livres, isso teria acontecido de forma um pouco mais natural.

Mesmo depois de me sentar, no entanto, eu ainda me sentia incrivelmente desconfortável. Segurando o suporte mais próximo, Tarumi estava bem na minha frente.

Ela se inclinou ligeiramente, como se quisesse ver bem o meu rosto. Sobre o que deveríamos conversar agora? Revirei minhas memórias antigas, na esperança de encontrar algo que pudesse usar como referência, mas nada vinha à mente. Nossos lanches favoritos? Passeios escolares? Anime?

Minha mente estava um caos, vasculhando desesperadamente tudo o que eu lembrava, mas eu não conseguia me concentrar em nenhuma memória em particular. Em vez disso, decidi que minha única opção era recorrer a um tópico seguro: acontecimentos atuais.

“Então... você está no ensino médio agora, né?”

“É, cara. Olha esse uniforme!”

Ela puxou a manga e riu. Eu ri junto. *Deus, como sou idiota.*

“Você também está no ensino médio, né, Shima-chan?”

“Dãããã.” *Somos da mesma idade, lembra?*

Agora que já havíamos declarado o óbvio, o silêncio tomou conta. A conversa estava ameaçando morrer. Esse silêncio com ela era diferente — mais tenso — comparado ao silêncio com a Adachi. Quando Adachi e eu ficávamos sem assunto, o clima entre nós esfriava... mas pelo menos podíamos aquecê-lo um pouco. Com Tarumi, no entanto, parecia que eu estava tentando reaquecer sobras velhas de um mês.

Algumas coisas eram melhores se jogadas fora e substituídas.

“Você realmente está indo para a escola ultimamente?” perguntei. “Ouvi dizer que você falta.”

“Às vezes vou, às vezes não. E você? Seu cabelo parece não saber o que quer.” Ela estendeu a mão e pegou duas mechas do meu cabelo — uma escura, uma descolorida. Olhei para elas enquanto ela as segurava, suspensas no ar como antenas de inseto.

Marrom e preto. Eu nova, eu antiga.

“Diga, como você costumava me chamar na escola primária?” Tarumi perguntou, inclinando-se um pouco mais. Sua pergunta — e seu olhar — fizeram meu coração disparar.

Enquanto ela tentava tocar o passado, sua mão me cutucou como um pequeno espinho.

“Não sei. Esqueci.”

Para ser sincera, eu ainda lembrava... mas minha vergonha prevaleceu. Como resultado, minha resposta saiu muito mais desdenhosa do que eu pretendia.

Por um momento, Tarumi me olhou, com os olhos arregalados e a boca aberta. Minha expressão seguiu a mesma linha ao perceber meu erro. Apertei os lábios com força, como se estivessem congelados.

Ela soltou meu cabelo e fechou os olhos. “Você realmente mudou, não é, Shima-chan?”

“É.”

Talvez esse fosse o meu maior problema. Minha eu antiga era tão diferente que parecia praticamente outra pessoa. Alegre, amigável, distraída, espontânea... Honestamente, eu era muito parecido com Yashiro naquela época. Era essa versão de mim que Tarumi esperava encontrar? Eu me sentia tão desconfortável, quase como se fosse a Adachi dessa amizade.

A vida real simplesmente não era tão maleável quanto às memórias.

Tarumi virou as costas para mim e ficou olhando pela janela por um longo, longo momento. À medida que esse momento se arrastava, comecei a desejar que o trem fizesse uma curva e voltasse para casa. Felizmente(?), não muito depois de eu começar a negociar com Deus para me tirar dali, chegamos à estação de Nagoya.

Foi apenas um trajeto de trem de vinte minutos, talvez nem isso, mas, de alguma forma, parecia três vezes mais longo do que a minha aula menos favorita na escola. Minhas articulações estavam rígidas e meu corpo sentia-se como chumbo. Evidentemente, o estresse havia descido sobre minha forma física como uma leve camada de neve.

Enquanto desembarcávamos do trem na plataforma, em silêncio, Tarumi e eu encontramos multidões de pessoas esperando em filas. À medida que passávamos, meu nariz captava todo tipo de cheiro, tanto bons quanto ruins. Ao passarmos pelas catracas, a variedade de aromas só aumentou.

No caminho para o shopping, Tarumi olhou para o icônico Relógio Dourado da estação. “Você se lembra do assassinato que aconteceu aqui há alguns anos?”

“O quê? Houve um assassinato?”

Eu não me lembrava disso. Na mesma hora, olhei para o relógio e depois para as pessoas esperando embaixo dele. Era um ponto turístico tão popular que eu mal conseguia imaginar um cadáver ou mancha de sangue ali. *O tempo segue em frente, acho eu.*

“É, houve mesmo. Cidades grandes são assustadoras, né?”

“Nem me fale,” concordei com um aceno de cabeça.

E assim, as duas caipiras entraram no shopping.

Passamos pelos quiosques de chapéus e bolsas e pegamos a escada rolante para baixo — Tarumi na frente, eu atrás dela. Algo sobre isso parecia estranho, mas eu não conseguia identificar exatamente o que era.

Assim como da última vez que estive aqui, o piso do subsolo estava cheio de gente. As luzes eram artificialmente brilhantes a ponto de me deixar desconfortável. A princípio, vaguei sem rumo, mas então senti um cheiro doce e o segui até a seção de confeitaria.

Tanto Tarumi quanto eu estávamos muito ocupadas olhando ao redor para realmente tentar manter uma conversa. Se fizéssemos um esforço, certamente poderíamos ter encontrado alguma anedota antiga para relembrar com nostalgia, mas o chão de inverno estava frio e duro demais para essas sementes de potencial brotarem.

Não era para ser assim. Tarumi também podia perceber que eu me sentia dessa forma. Eu nem conseguia olhá-la nos olhos.

Assim que entramos na seção de confeitaria, comecei a ter dúvidas sobre comprar chocolate. Eu não perguntei à Adachi qual era o tipo que ela gostava, então não tinha ideia do que procurar. Após um momento de debate interno, decidi que compraria meu presente no quiosque com a fila mais longa no caixa. Afinal, se muitas pessoas compram lá, claramente os produtos devem ser bons, certo? Parecia uma dedução lógica, mas, ao mesmo tempo, também parecia a saída mais fácil.

Como Tarumi não estava planejando comprar nada, eu realmente não via necessidade dela ficar na fila, mas ela me acompanhou mesmo assim. Agora me sentia culpada por tê-la arrastado até aqui… mas se eu tentasse pedir desculpas, pareceria distante. Por outro lado, não éramos exatamente melhores amigas mais.

Aqui, neste centro vibrante e movimentado de atividade social, estávamos tão frias quanto o próprio inverno.

Depois de uma longa, longa espera, finalmente comprei os chocolates. Tarumi e eu soltamos um profundo suspiro, como se compartilhássemos o esforço físico de nos sobrecarregarmos em um ambiente social desconhecido.

Bem, pelo menos essa é uma coisa que temos em comum, pensei tristemente.

Caminhamos silenciosamente até a escada rolante, subimos e retornamos ao andar térreo. O único som era o estalido da minha sacola de papel. Direto à nossa frente, avistei um display de LED — usado para fins publicitários, mas atualmente desativado — posicionado do lado de fora da estação. Além do display, o pôr do sol roxo se estendia.

Normalmente, esse seria o momento em que eu perguntaria para onde iríamos em seguida — se havia algum lugar que ela gostaria de ir. Mas meu olhar estava fixo à frente, e as palavras não vinham.

Tarumi estava esperando que eu falasse… ou, mais precisamente, esperando que minha eu antiga surgisse do fundo do palco. Mas, se fosse esse o caso, ela esperaria por muito tempo. As únicas palavras que eu podia oferecer eram aquelas que o ar frio do inverno expulsava de mim. Palavras de uma covarde.

“Bem, acho que é hora de ir para casa, né?”

“É.”

Talvez “angustiante” fosse a melhor maneira de descrever esse momento.

Era para ser divertido e empolgante, para dar nova vida a uma velha amizade. Mas, na realidade, não havia uma faísca mágica. O clima entre nós estava pesado, sufocante e francamente frustrante.

Se eu fosse colocar a culpa em alguém, provavelmente a culpa era minha. Eu não sabia como reacender a chama, então, em vez disso, tremia no frio.

Caminhamos até as catracas, sem desvios. Honestamente, eu não esperava que a ida ao shopping acabasse tão rapidamente. Passei mais tempo esperando na fila do que conversando com minha chamada amiga.

Ainda bem que não mandei uma mensagem para minha mãe dizendo que não precisaria de jantar essa noite. Não foi uma escolha consciente feita em antecipação a esse resultado, mas acabou funcionando a meu favor, de qualquer forma.

Virei para olhar para Tarumi — coçando a cabeça, com os olhos fechados, como se estivesse cansada. Cansada do novo eu. Surpreendentemente, o pensamento realmente doeu.

Então, finji não vê-la.

Passamos pelas catracas, subimos as escadas e entramos diretamente no trem lotado no horário de pico.

À direita, a noite havia caído; à esquerda, o pôr do sol ainda persistia, embora de forma tênue. Quase como se as janelas do vagão fossem barreiras entre dois mundos separados. Balancei ao ritmo da multidão, deixei minha mente flutuar na escuridão como uma lanterna solta.

Que valor as pessoas veem no passado? Seria um tempo em que eram mais felizes? Mais inocentes? Antes de se machucarem? Se for o caso, todas essas coisas se aplicam igualmente a mim. Mas meu passado está emaranhado em espinhos, e se eu tentar puxá-lo para perto, os espinhos me cortariam profundamente. Eu não tinha a experiência necessária para navegar ao redor deles sem me ferir.

Não conseguia pensar em nenhuma memória especialmente ruim de cabeça, mas meu eu do passado era tão diferente do meu eu atual que eu não queria olhá-la nos olhos. Talvez, de certa forma, eu não gostasse de mudanças... ou talvez eu realmente gostasse da pessoa que sou agora? *Sim, isso faz sentido.* Eu queria permanecer como estou — não queria lembrar da versão de mim que nunca aprendeu com seus erros.

Coisas de adolescente, eu me escarneci enquanto fingia não estar afetada.

Nesse momento, meu telefone apitou. Como estava em silêncio, consegui ouvir o som através do zumbido da multidão no vagão. Era uma mensagem da Adachi. Disfarçando casualmente o telefone da visão de Tarumi, abri a mensagem com curiosidade.

“Você está livre amanhã quer ir a algum lugar e passar um tempo juntas”.

A mensagem estava toda embolada, sem pontuação, como se ela a tivesse escrito muito rapidamente. Imaginei-a digitando no telefone a velocidade da luz e dei uma risada. Tarumi ouviu e olhou para mim.

“O que é tão engraçado?”

“Huh? Oh, é, nada,” eu respondi, pressionando uma mão contra a boca. Por algum motivo, eu não queria contar a ela... e isso parecia ser um sinal de onde estava nossa amizade. Rapidamente escrevi de volta para Adachi. “*Claro, sem problema.*”

Essa era a amizade que eu valorizava hoje.

O trem chegou à nossa pequena cidade. Tarumi desceu primeiro, e eu a segui. Foi quando percebi que não havíamos passado muito tempo andando lado a lado. Adachi, no entanto, *sempre* queria caminhar ao meu lado — principalmente para poder segurar minha mão.

Houve um tempo em que eu costumava andar ombro a ombro com Tarumi, mas agora caminhávamos em fila única... e no momento em que entrássemos em uma multidão, poderíamos nos separar para sempre. Era onde estávamos agora.

Depois que passamos pelas catracas, minha antiga melhor amiga se virou para mim. Estranhos passavam por ela em um fluxo constante dos dois lados, e a corrente estava começando a puxá-la para longe.

Ela levantou a mão casualmente. “Bem... até mais.”

Houve uma pausa hesitante enquanto Tarumi oferecia um adeus seco. Eu fiquei ali, imóvel, e a observei ir embora.

É isso que você quer?

A pergunta me balançou como se eu estivesse no vagão do trem novamente.

Então percebi algo. Em algum momento, eu havia cometido um erro — alguma espécie de tropeço ao longo do caminho — e provavelmente teria mais facilidade para dizer adeus se primeiro me certificasse de corrigir isso.

Eu não podia mudar meu eu do passado, mas podia mudar isso. Podia mudar nós duas.

“Hmm…”

Algo me impedia.

“Hmmm…”

Algo que eu não conseguia definir.

“Mmmmm…”

Eu sabia o que devia fazer, mas tudo o que consegui foi resmungar. Meu cérebro fervia.

“Mmmnngh…!”

Decida-se logo! Bati com força na parte de trás da minha cabeça. Minha visão girou com o impacto.

Então, finalmente percebi o que precisava fazer.

Encarar a névoa não me levaria a lugar algum, mas se eu me desfocasse para combinar, começaria a ver algo. Corri atrás disso, bem fundo na floresta. Antes que desaparecesse completamente, estendi a mão e agarrei aqueles espinhos com todas as minhas forças.

Pela primeira vez, não era a dor que eu temia.

“Taru-chaaaan!”

Eu não tinha espinhos nas palmas das mãos — só bochechas coradas e um coração acelerado.

Em algum momento no passado, ela era a minha pessoa favorita no mundo inteiro. Será que minha voz chegaria até ela através da multidão?

Não. Ela estava se afastando, um passo de cada vez. Ela não conseguia me ouvir.

Meus braços caíram para os lados — mas então decidi tentar novamente. Coloquei as mãos firmemente em volta da boca.

“ESTOU FALANDO COM VOCÊ, TARU-CHAAAN!”

Era o meu eu do passado chamando por ela.

Eu não podia virar as costas para o presente. Para a maioria das pessoas, mudanças não vinham facilmente. Então, na verdade, isso era apenas uma pequena fração do meu eu antigo, subindo brevemente à superfície.

Tarumi virou-se de repente, da mesma forma que fez na loja de carnes no dia em que nos reencontramos. Ela tinha uma expressão de choque; eu não sabia como *estava*, mas se tivesse que adivinhar, provavelmente estava sorrindo.

“Te vejo por aí!”

Minha voz estava alta e alegre, como costumava ser nos tempos em que acreditava no ‘para sempre’.

Se a memória não me falhava, “Te vejo por aí” foi a última coisa que eu disse a ela na escola primária — uma expressão tão casual que nem mesmo contava como uma promessa. Naquela época, eu tinha tanta certeza de que a veria

novamente em breve… e então “breve” se transformou em anos. Ela ainda se lembrava?

A garota que faltava às aulas levantou a mão e acenou enfaticamente, sorrindo de orelha a orelha como se fôssemos crianças novamente. Todos esses anos depois, estávamos trocando o mesmo voto silencioso de um dia nos encontrarmos novamente.

Haveria uma próxima vez? Eu não sabia. Nossa amizade havia enferrujado e se desintegrado há muito tempo. Talvez os destroços simplesmente tivessem captado a luz no ângulo certo.

Mas havia uma coisa que eu podia afirmar com certeza: o sorriso de Tarumi era tão eletrizante que me atingiu até a ponta dos dedos.

***

E então, o dia 14 finalmente chegou.

Cara, isso demorou uma eternidade.